

Pedro Manuel da
Silva Nunes

Elementos Adicionais

Outubro de 2019

Elementos Adicionais

**Assunto: Decreto -Lei n.º 75/2015, de 11 de maio - Licenciamento Único de Ambiente
PL20181120003439 Pedro Manuel da Silva Nunes Pedido de elementos adicionais**

Vimos deste modo, apresentar a respetiva justificação fundamentada aos elementos solicitados.
Apresentam-se os mesmos, devidamente identificados.

Mais se informa que foi dado conhecimento à respetiva Entidade Coordenadora (EC), do presente envio de elementos

Assim, em conformidade com os elementos solicitados apresenta-se o seguinte:

Módulo II – Memória Descritiva

Localização

1. É referido na Memória Descritiva que a área ocupada pela exploração avícola está classificada como REN e RAN, pelo que se solicita esclarecimentos sobre o ponto de situação da instalação face à conformidade com os Instrumentos de Gestão Territorial.

No que se respeita, à classificação com REN e RAN, será sempre de referir que existe o Alvará de Utilização nº 150-97, emitido pela Câmara Municipal do Cartaxo, para a exploração em causa.
Apresenta-se o mesmo no Anexo I desta nossa resposta.

Descrição das instalações e das atividades desenvolvidas

2. Adequação da tabela referente a “Listagem de Máquinas/Equipamentos” com as Plantas apresentadas, por exemplo, no que se refere a n.º de fossas estanque, n.º de silos para ração, n.º de caldeiras de aquecimento.

Apresenta-se a nova Tabela referente a “ Listagem de Máquinas / Equipamentos”:

Listagem de Máquinas / Equipamentos	
Denominação	Quantidade
Trator com Reboque	1
Máquina de Desinfecção	1
Máquina de Cair	1
Peugeot 205 XAD	1
Carrinha Citroen Berlingo	1
Fossas Domésticos	2
Nº Caldeiras	4
Nº Silos de Ração	2

Módulo III – Energia

- 3. Indicação do número e tipo de equipamento(s) de aquecimento fazendo referência à respetiva potência térmica unitária dos mesmos, expressa em kW, e a sua localização;**

Existem na exploração os seguintes equipamentos de aquecimento:

Equipamento	Potência (KW)	Localização
GS 80	80	Pavilhão nº1
GS 230	230	Pavilhão nº1
GS 80	80	Pavilhão nº2
GS 230	230	Pavilhão nº2

Módulo IV - Recursos Hídricos

- 4. Clarificação no que respeita ao encaminhamento das águas residuais domésticas uma vez que os documentos “Resumo Não Técnico” e “Memória Descritiva” não fazem referência às fossas constantes nas diversas Plantas apresentadas (Plantas de Implantação, Redes de Drenagem e Parques de Resíduos);**

As águas residuais domésticas têm como destino às fossas estanques existentes para o efeito. Existem duas fossas para este efeito, uma no Pavilhão nº1 e outro no Pavilhão nº2.

- 5. Identificando-se existirem fossas sépticas para armazenamento das águas residuais domésticas, solicita-se uma descrição do funcionamento e características das mesmas na Memória Descritiva;**

As fossas estanques para armazenamento das águas residuais domésticas existentes apenas são esvaziadas aquando necessidade das mesmas, apresenta-se no Anexo II o comprovativo da última limpeza realizada, bem como o contrato nº23504-1/1-028114 com a referida empresa.

- 6. Apresentação de documento emitido pela entidade competente atestando responsabilidade pela recolha e transporte das águas residuais domésticas provenientes das fossas sépticas, se aplicável;**

Apresenta-se o documento solicitado no Anexo II.

- 7. Apresentação de comprovativo da entidade gestora de saneamento atestando disponibilidade para tratar as águas residuais domésticas produzidas na**

instalação, ou em alternativa, apresentação de documento comprovativo de ligação a sistema público de drenagem e tratamento de águas residuais com indicação das condições impostas, se aplicável;

Apenas dispomos do documento de limpeza por parte da empresa (Cartágua – Águas do Cartaxo, S.A.) e contrato com a referida empresa.

8. Descrição do sistema de desinfecção de viaturas e indicação do encaminhamento a sistema de tratamento adequado previsto para as águas residuais produzidas, caso aplicável;

A desinfecção das viaturas, é realizada através de atomização, não existindo lugar a águas residuais.

Módulo VI – Resíduos

9. Identificação dos operadores que efetuam a recolha e o tratamento de todos os resíduos perigosos/ não perigosos gerados na instalação, incluindo os respetivos comprovativos/declarações;

Apresentamos no Anexo III, o último comprovativo de recolha de resíduos perigosos / não perigosos gerados na instalação.

10. Esclarecimento quanto ao destino previsto para as cinzas, que deverão ser encaminhadas para destino final adequado, salientando-se que este poderá ser a valorização pelo próprio (operação isenta de licenciamento de operação de gestão de resíduos – OGR) ou o seu envio para operadores de gestão de resíduos devidamente licenciados.

No que se refere às cinzas, será de referir que as mesmas são encaminhadas para destino final adequado, ou seja valorização por parte de Pedro Manuel da Silva Nunes.

11. Na sequência da questão anterior, indicação do local de armazenamento dos resíduos de cinza;

Apresenta-se no Anexo IV, a planta em anexo com localização do local de armazenamento dos resíduos de cinza.

12. Relativamente às embalagens de medicamentos veterinários e vacinas administradas às aves, alerta-se para a existência do Sistema Integrado de Gestão de Resíduos de Embalagens de Medicamentos (SIGREM) atualmente gerido pela entidade gestora Valormed, o que implica que estes resíduos não perigosos terão que ser encaminhados para este Sistema; Face ao exposto, solicita-se confirmação de encaminhamento para o referido Sistema, acompanhada de documentação comprovativa;

Relativamente às embalagens de medicamentos veterinários e vacinas administradas às aves na exploração, existe na exploração , foto aqui apresentada, o local destinado às mesmas e recolha por parte da Valormed.



13. Em alternativa, requer-se a apresentação de comprovativo de encaminhamento de embalagens de medicamentos veterinários e vacinas para uma entidade terceira, licenciada no âmbito do SIGREM, evidenciando a documentação comprovativa da adesão dessa entidade ao referido Sistema;

Tal como referido no ponto anterior todas as embalagens e vacinas estão a cargo da Valormed, entidade licenciada no SIGREM, será sempre de referir que Pedro Nunes, é um prestador de serviços da Hiperfrango.

Módulo VII – Efluentes pecuários (EP) e Subprodutos de Origem Animal (SPA)

14. Clarificação do armazenamento de estrume em nitreira ou em outro tipo de infraestrutura especificamente dedicada à retenção deste efluente;

O efluente pecuário é armazenado em Nitreira, apresenta-se registo fotográfico da mesma.



15. Apresentação de contrato com identificação da entidade responsável pela recolha e transporte do estrume, em parte ou na totalidade;

Apresenta-se no Anexo V cópia do Plano de Gestão de Efluentes Pecuários enviado à Entidade Coordenadora onde se apresenta no mesmo, o destino da totalidade do Efluente **Pecuário**.

16. Indicação da taxa de mortalidade estimada, o destino e duração do armazenamento temporário dos cadáveres de animais - nº de dias que os cadáveres permanecem armazenados antes de envio para destino autorizado;

A taxa de mortalidade na exploração de cerca de 1% - 1,5%, a duração de armazenamento dos cadáveres nunca excede os 4 meses.

17. Na sequência da questão anterior, indicação da periodicidade de recolha dos cadáveres das aves dos pavilhões e o seu envio para destino final autorizado;

A periodicidade de recolha, depende sempre dos períodos de ocupação dos pavilhões, por norma a periodicidade de recolha é de uma vez a cada 4 meses.

18. Identificação da entidade que efetua a recolha dos cadáveres e respetivas quantidades, se aplicável, bem como apresentação de comprovativo da entidade recetora de subprodutos acreditada atestando essa disponibilidade;

A entidade que realiza a recolha é a Interaves, S.A., apresenta-se no Anexo VI, uma das últimas recolhas realizadas pela Interaves S.A.

19.Reformulação do preenchimento do Quadro Q34 contemplando a totalidade dos efluentes pecuários/subprodutos produzidos na instalação;

Apresenta-se o no Anexo VII, o Quadro Q34.

20.Na sequência do ponto anterior, reformulação dos quadros Q35 e Q35A em conformidade;

Apresenta-se no Anexo VIII , os quadros Q35 e Q35A.

Módulo IX – Peças desenhadas

21.Reformulação de peça(s) desenhada(s) atualizada(s) e devidamente identificada(s), legendada(s) e a escala adequada (legível) recorrendo a paleta de cores que evite o recurso a cores claras sobre fundo claro, contemplando a codificação dos pavilhões e infraestruturas dedicadas (silos, parques de resíduos, fossas) de acordo com a codificação utilizada nos diversos quadros do formulário (ex: LTx - linha de tratamento, PAx – parques de armazenamento, FSx –fossas sépticas, etc.). Este documento deverá representar a localização das áreas de produção, armazéns, oficinas, depósitos, circuitos exteriores, origens da água utilizada, sistemas de tratamento de águas residuais e de armazenagem de resíduos e respetivos equipamentos e linhas de tratamento, bem como, se aplicável, a localização das captações de águas subterrâneas, a implantação das redes de drenagem de águas residuais domésticas, de águas de lavagem e pluviais, no exterior dos edifícios, a localização dos sistemas de tratamento e identificação dos diferentes órgãos, das bacias de recolha e armazenamento, das áreas de valorização e dos diferentes pontos de rejeição, caso seja aplicável.

Apresenta-se no Anexo IX planta legendada onde se evitou o recurso a cores clara sobre fundo claro.

Representa-se na mesma, silos, parques de resíduos, fossas, localização da captação subterrânea, redes de drenagem, etc. Uma vez que a planta se encontra em pdf, será sempre necessário para uma visualização correta, realizar um zoom no documento.

Módulo XII – Licenciamento Ambiental

Listagem das MTD

22. Apresentação de documento de avaliação sistematizada e detalhada do ponto de situação da instalação face à implementação das MTD identificadas nos Documentos de Referência de carácter transversal e que eventualmente poderão ser aplicáveis à instalação, designadamente:

a) Reference Document on Best Available Techniques on Emissions from Storage –

BREF EFS, Comissão Europeia (2006);

b) Reference Document on Best Available Techniques for Energy Efficiency – BREF ENE, Comissão Europeia (2009).

Para o efeito encontra-se disponível no site desta Agência documento de suporte em formato excel com a sistematização das referidas MTD;

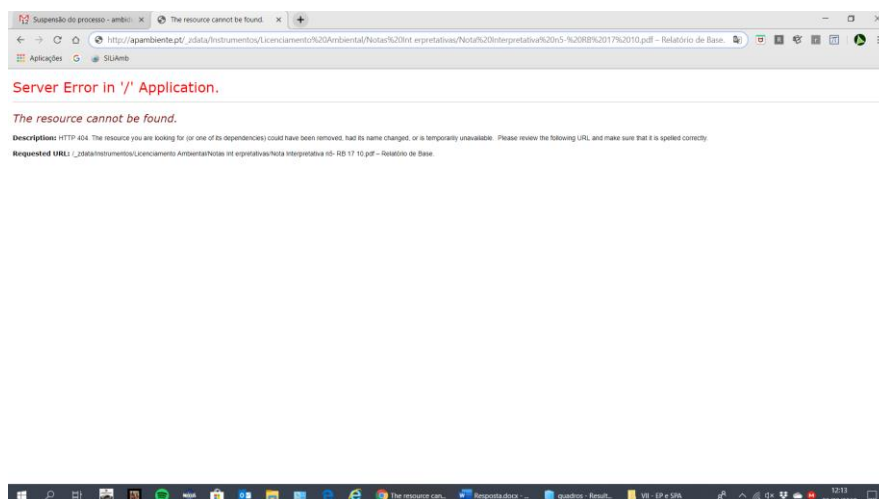
Apresenta-se no Anexo X as MTD 's (BREF EFS e BREF ENE).

Relatório de Base

22.Elaboração de avaliação da necessidade do Relatório de Base, em cumprimento do disposto no artigo 42.º do Decreto-Lei n.º 127/2013, de 30 de agosto (Diploma REI), de acordo com a abordagem da Nota Interpretativa n.º 5/2014, de 17 de julho (ponto 1 (1.1 a 1.4)), disponível para consulta no *site* da APA, I.P. em:

http://apambiente.pt/_zdata/Instrumentos/Licenciamento%20Ambiental/Notas%20Interpretativas/Nota%20Interpretativa%20n5-%20RB%2017%2010.pdf – Relatório de Base.

Relativamente ao link apresentado, vimos deste modo apresentar na seguinte imagem o que aparece online:



Mais se informa que deverá ser consultada a Portaria n.º 398/2015, de 5 de novembro, como documento de apoio a fim de que a resposta ao pedido de elementos complementares seja o mais exaustiva possível, pois a ausência injustificada de resposta a alguns dos elementos solicitados por esta Agência poderá ter como consequência o indeferimento do processo.

Apresenta-se, no entanto, o Relatório Base de acordo com o Módulo XII - Elementos a incluir no pedido de licença ambiental, apresentado na Portaria n.º 398/2015 de 5 de novembro:

LICENCIAMENTO AMBIENTAL (LA)	
Módulo XII	<u>Elementos a incluir no pedido de licença ambiental</u> 1. Resumo Não Técnico 2. Indicação da(s) atividade(s) PCIP desenvolvida(s), e respetiva(s) capacidade(s) instalada(s) 3. Listagem das Melhores Técnicas Disponíveis (MTD) 3.1. Avaliação detalhada do ponto de situação da instalação face à adoção das Melhores Técnicas Disponíveis (MTD) e adequação aos Valores de Emissão Associados (VEA) e Valores de Emissão Associados ao Desempenho Ambiental (VEADA) preconizados nos Documentos de Referência (BREF) elaborados no âmbito da PCIP e aplicáveis à instalação. Caso não seja possível adequar aos VEA/VEADA, apresentação de justificação técnica ou económica. 3.2. Para os parâmetros relevantes para os quais os BREF definem valores de emissão ou de desempenho ambiental associados à utilização de MTD, avaliação dos níveis de emissões afetos à instalação para os diferentes descritores ambientais relevantes face ao preconizado nos BREF. 3.3. Indicação dos valores (ou gamas de valores), para todos os parâmetros relevantes, representativos e adequados à(s) atividade(s) em licenciamento. Quadro Q38 — Atividades PCIP desenvolvidas na instalação Quadro Q39 — Avaliação da instalação face aos BREF aplicáveis Quadro Q40 — Outras técnicas não descritas no BREF 4. Relatório de Base 4.1. Informação sobre o estado de contaminação do solo e das águas subterrâneas do local de implantação da instalação pecuária por substâncias perigosas relevantes 4.2. Explicitação das medidas adotadas para minimização dos riscos de poluição 5. Plano de Gestão de Efluentes Pecuários (PGEP) 5.1. No caso de ser exercida a atividade de gestão de efluentes pecuários, cópia do PGEP, cópia do parecer de aprovação do PGEP emitido pela EC ou comprovativo da sua submissão à EC.

O Relatório Base é apresentado no Anexo XI.

Anexo I

Alvará de Utilização nº 150/97



CÂMARA MUNICIPAL DO CARTAXO
DIVISÃO DE PLANEAMENTO E ADMINISTRAÇÃO URBANÍSTICA

ALVARÁ DE LICENÇA DE UTILIZAÇÃO N.º 150-174

Proc. n.º 64/90

Folha n.º 01/01

Nos termos do artigo 26.º do Decreto-Lei n.º 445/91, de 20 de Novembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 250/94, de 15 de Outubro, é emitido o alvará de licença de utilização n.º 12512-1971 em nome de **JOÃO AMADO MARTINS**, portador do bilhete de identidade n.º 823121 e empresário individual n.º 805698019.

O presente alvará titula a utilização do edifício novo construído no prédio sito no Carrascal ou Cabeço de Ferreiros, na freguesia do **CARTAXO**, descrito na Conservatória do Registo Predial do Cartaxo sob o n.º 01193/140691, a que corresponde o alvará de licença de construção n.º 250/90, emitido em 90/07/12, a favor de **JOÃO AMADO MARTINS**.

Por despacho de 197 - 106 - 104 foi autorizada a seguinte utilização:

TIPO DE UTILIZAÇÃO	PAVIMENTOS		N.º DE UNIDADES DE OCUPAÇÃO		
	ÁREA (m2)	LOCALIZAÇÃO	FOGOS	OUTRAS UNIDADES	
AVICULTURA	3.812	R/CHÃO	T1	Pavilhão avícola	3
			T2		
			T3		
			T4		
			≥15		
			TOTAL	0	TOTAL 3
TOTAL	3.812				

N.º DE LUGARES DE ESTACIONAMENTO AUTORIZADOS	
--	-------

O técnico responsável pela direcção técnica da obra foi Abel da Silva Damas, inscrito na Câmara Municipal do Cartaxo sob o n.º 6.

O autor dos projectos de arquitectura e das especialidades foi Abel da Silva Damas, inscrito na Câmara Municipal do Cartaxo sob o n.º 6.

Dado e passado para que sirva de título à requerente e para todos os efeitos prescritos no Decreto-Lei n.º 445/91, de 20 de Novembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 250/94, de 15 de Outubro.

Paços do Município do Cartaxo, 10/4 de Junho de 1997.

O Presidente da Câmara,

José Manuel Vieira Conde Rodrigues

CMC - MOD. ALVLU

Registrado na Câmara Municipal do Cartaxo, no Livro 12-1971, em 1971-106-1041
 Guia de Receita n.º 116061, de 116480015, PLA Chefe de Seção,
 de 1971-116-1041 Walter Rodriguez



CÂMARA MUNICIPAL DO CARTAXO
DIVISÃO DE PLANEAMENTO E ADMINISTRAÇÃO URBANÍSTICA

OPERAÇÕES URBANÍSTICAS
REQUERIMENTO

RESERVADO AOS SERVIÇOS

ENTRADA

MUNICÍPIO DO CARTAXO
DIV. PLAN. E ADM. URBANÍSTICA
E 2005/219A
N.º 472 Proc.º N.º 6190

INFORMAÇÃO

Em _____
O _____

DECISÃO

Em _____
O PRESIDENTE,

ASSUNTO

PETIÇÕES DIVERSAS

Exm.º Senhor
Presidente da Câmara Municipal do
CARTAXO

(1) António Vicente Nunes
(2) Casado, com a actividade de (3) Agricultor
n.º 1121581016161, com sede/domicílio n.º (4) Bairro da Onia n.º 31/1.º
na localidade de Azambuja
(código postal 2125101-131111)
telef. 662430551, freguesia de Azambuja
concelho de Azambuja, na qualidade de (5) Proprietário
vem requerer a V. Ex.ª O AVERBAMENTO
do Alvará de Licença de Utilização n.º 150/97
que estava em nome de João Amado Martins
para passar para o nome de António Vicente Nunes

Espera deferimento,

Em 11/2 de Febrero de 2005

ASSINATURA DO REQUERENTE

António Vicente Nunes

RESERVADO AOS SERVIÇOS

Conferi:

B.I. n.º 11415810161 de 2005-02-16

- (1) Nome completo.
(2) Estado civil, ou sociedade comercial, industrial ou outra.
(3) Actividade pessoal ou da firma.

- (4) Na rua, avenida, lugar, etc..
(5) Proprietário, mandatário, etc..

Anexo II

Comprovativo de Limpeza de Fossa



Cartágua - Águas do Cartaxo, S.A.

Travessa do Quintino, Lote E, Loja Esq.

2070-143 CARTAXO

NIF: 509 361 161

GUIA DE SAÍDA

N.º 1160

N.º _____/20 ____

Nome do Requerente

VEDRO MANUEL SILVA NUNES

Morador em:

EN 114/2

Lugar:

CABEÇO DE FERREIROS

Freguesia:

CARTAXO

Contacto:

968.246.996

O. T. n.º 62879 datado de 05 de ABRIL de 2019

☐ Sim - N.º Contrato

☐ Não

Contribuinte N.º 28114

Tem rede de esgotos: Sim Não

Serviço n.º _____ de 20 ____

Dados de Operação

Data: 10 de ABRIL de 20 19

Hora de início: 14 h: 30 m

Hora de fim: 15 h: 00 m

Duração: 30 min.

N.º de cargas: 1

Volume retirado: 1 m³ (1 m³ = 1000 l)

Capacidade total da fossa

I. D. Cadastro _____ em _____

O Requisitante

O Motorista

A Chefia

O seu serviço de água no Cartaxo



CONTRATO Nº: 23504-1/1-028114

TRAVESSA DO QUINTINO LOTE E - R/C ESQ CARTAXO 2070-143 CARTAXO TELEPHONE: WWW.CARTAGUA.PT MUNICÍPIO DO CARTAXO	Informação básica de proteção de dados A responsável pelo tratamento é a entidade concessionária do serviço. A finalidade do tratamento dos seus dados é a manutenção, desenvolvimento e controlo da relação contratual, bem como atender as suas consultas e poder enviar-lhe informação sobre novidades, atividades ou serviços do Município ou da entidade concessionária, que pode ser do seu interesse por diferentes meios, incluindo os eletrónicos. Poderá aceitar ou recusar o tratamento dos seus dados com finalidade comercial, marcando um dos seguintes quadros: ☐ Consinto ☐ Não Consinto A legitimidade do tratamento dos seus dados é a execução do contrato e o consentimento prestado, no seu caso. Tem direito a aceder, a retificar e a apagar os dados, bem como outros direitos vigentes, de acordo com a informação adicional. Pode consultar a informação adicional e pormenorizada sobre a Proteção de Dados na página web da entidade gestora do serviço ou no escritório pessoalmente.
ATIVAÇÃO FATURA ELETRÓNICA ☒	

A pessoa física ou colectiva cujos dados se apresentam seguidamente, contrata como cliente os Serviços de Abastecimento de Água e/ou Recolha de Efluentes e/ou Tratamento de Águas Residuais, através da Concessionária do Serviço, **Cartágua, Águas do Cartaxo, S.A.** Com o NIF: **509361161** nas seguintes condições:

A.- IDENTIFICAÇÃO DO TITULAR

NOME OU DENOMINAÇÃO SOCIAL PEDRO MANUEL SILVA NUNES			NIF 208662944	B.I. 11542831
TELEFONE (1) 968246116	TELEFONE (2)	NUMERO FAX	E-MAIL	
NOME DO REPRESENTANTE		NIF REPRESENTANTE	B.I.	QUALIDADE DO REPRESENTANTE

DADOS DA PROPRIEDADE ABASTECIDA

MORADA EN 114 2	Nº S/N	BLOCO	ANDAR	PORTA	EDIFICIO CABI
FREGUESIA	CODIGO POSTAL 2070-548	LOCALIDADE Cartaxo	DISTRITO Cartaxo	PAIS Portugal	

B.- DADOS PARA ENVIO DE CORRESPONDÊNCIA

NOME PEDRO MANUEL SILVA NUNES					
TELEFONE (1) 968246116	TELEFONE (2)	NUMERO FAX	E-MAIL		
MORADA CABEÇO DE FERREIROS	Nº	BLOCO	ANDAR	PORTA	EDIFICIO CAB
FREGUESIA	CODIGO POSTAL 2070-548	LOCALIDADE CARTAXO	DISTRITO	PAIS	

C.- CARACTERÍSTICAS DO ABASTECIMENTO E DA INSTALAÇÃO INTERIOR

Comercial / Geral	Tarifa de facturação: NÃO DOMESTICO	Calibre contratado: 15,000
Act. Doméstica: DOMESTICA	N. Casas:	Nº Instalador:
Act. Comercial:	N. Locais:	Freguesia abastecimento: CARTAXO
Act. Industrial:	N. Locais industriais:	Diâmetro do ramal:
Caudal solicitado (l/s):	Presión mínima (Kg/cm2):	Tipo abastecimento:
Caudal contratado (l/s):	Presión máxima (Kg/cm2):	Modalidade:

EQUIPAMENTOS DE MEDIÇÃO INSTALADOS

Calibre	Caudal	Classe	Tipo	Nº contador
15	1,500	Individual normal	Água fria	FICTICIO - 39

Os dados específicos do contador serão detalhados em cada factura periódica de consumo.

D.- CONDIÇÕES ECONÓMICAS

Serviço prestado	Montante sem imposto
	0,00
Total:	0,00

O pagamento poderá ser efectuado nos escritórios da concessionária, nos balcões dos CTT / Payshop ou por Débito Directo na sua conta bancária.

E.- CONDIÇÕES DE FACTURAÇÃO E DURAÇÃO DO CONTRATO

FACTURAÇÃO: Facturação Mensal

MODALIDADE:

DATA LÍMITE:

F.- CONDIÇÕES ESPECIAIS

O presente contrato não terá validade se não for liquidado o valor correspondente e reger-se-á pelas condições constantes do Regulamento e demais disposições legais e regulamentares em vigor. O outorgante deste contrato, como cliente ou como representante do mesmo, assume a responsabilidade pelas declarações nele contidas. A data de entrada em vigor será a indicada abaixo. E para que conste e sirva como prova, o presente contrato é assinado em duplicado, no local e na data indicados. A falsificação de qualquer dos dados declarados importará, além da perda das quantias já entregues, a anulação do abastecimento.

Se, na data de emissão do presente documento, faltar entregar documentação associada à contratação do abastecimento, e essa documentação for exigida pela entidade fornecedora para poder efectuar a contratação definitiva, fica o cliente ou o representante do mesmo informado de que, caso no prazo de 20 dias não seja recebida nos nossos escritórios uma cópia do contrato devidamente assinada pelo mesmo cliente ou representante, juntamente com a documentação em falta, tal facto será entendido como desistência da contratação do abastecimento, extinguindo-se toda a relação comercial existente até à data.

Em

CARTAXO , a 5 de Abril de 2019

O CLIENTE

TELEFONE DE ATENDIMENTO A CLIENTES www.cartagua.pt A EMPRESA CONCESSIONÁRIA

Anexo III

Comprovativo de Recolha



COMPROVATIVO DA ENTREGA DE EMBALAGENS E N.º 24613
MEDICAMENTOS VETERINÁRIOS FORA DE USO

PRODUTOR DE RESÍDUOS

1. Produtor de resíduos

Nome:	Hiperfrango (Pedro Nunes)	NIF	509578667
Morada:	Z. Industrial Zicofa, Lt. 4 2415 - 314 Leiria	Telefone	
		Peso aproximado	10 (kg)
DECLARO QUE OS RESÍDUOS ENTREGUES ESTÃO DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DEFINIDOS PELA VALORMED.		Rúbrica	

2. Centro de Recepção

Nome:	Lusiaver, SA	NIF	501667490
Morada:	Coutada Velha, 2230 - 266 Benavente	Código	10082
		Data	27 / 11 / 2018
Nome do responsável:	SIMÃO T. PEREIRA		

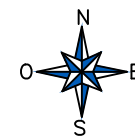
CERTIFICAMOS QUE O PRODUTOR ACIMA IDENTIFICADO NOS ENTREGOU OS RESÍDUOS DESCRITOS EM CONFORMIDADE COM OS CRITÉRIOS DEFINIDOS PELA VALORMED.

Assinatura e Carimbo da Empresa

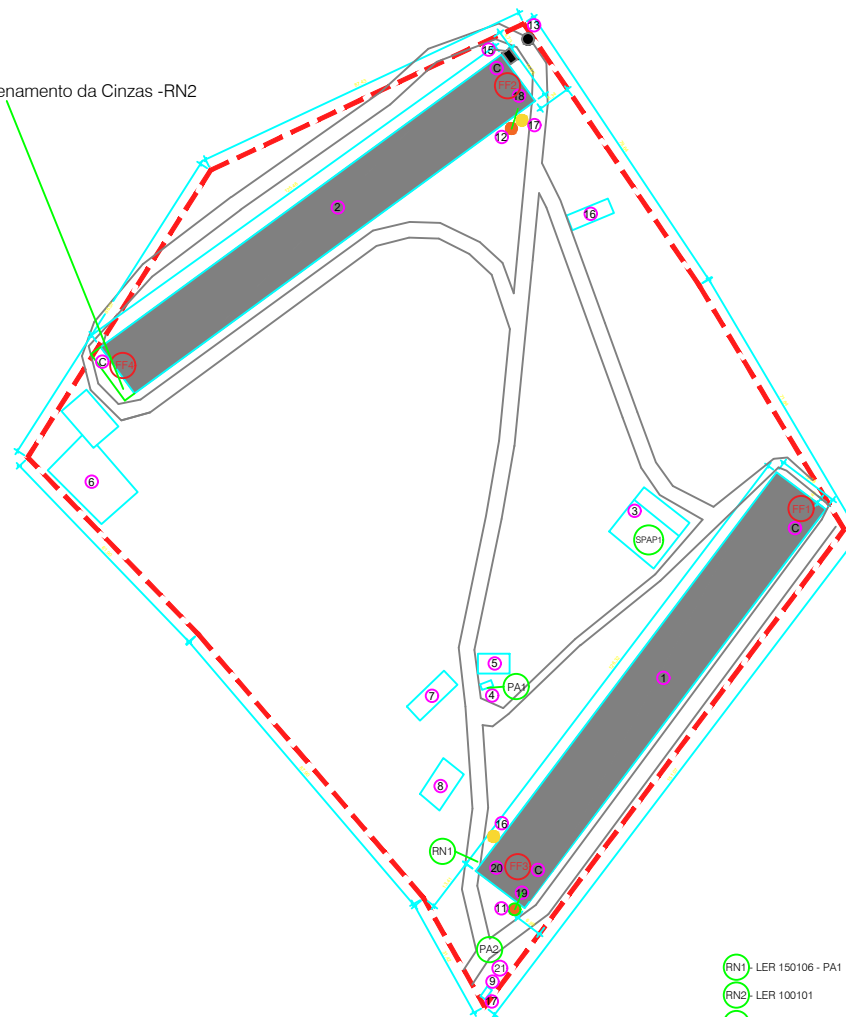
[Assinatura]

Anexo IV

Planta com localização do Armazenamento de Cinza



Local de Armazenamento da Cinzas -RN2



LEGENDA

- 1 - Pavilhão nº1
- 2 - Pavilhão nº2
- 3 - Arrumos / Nitreira - SPAP1
- 4 - Armazenamento Produtos- RP1/RP2/RN1
- 5 - Arrumos / Tractor
- 6 - Camas
- 7 - Anexo da Habitação
- 8 - Habitação do Requerente
- 9 - Gerador
- 10 - Entrada
- 11 - Fossa WC Pavilhão nº1 - FS1
- 12 - Fossa WC Pavilhão nº2 - FS2
- 13 - Furo AC1
- 15 - Depósito de Água - 30 m3
- 16 - Silo Pavilhão nº1
- 17 - Silo Pavilhão nº2
- 18 - WC
- 19 - WC/ Vestiário
- 20 - Escritório
- 21 - Aca de Cadáveres - PA2
- C - Caldeira
- LT1 da Fossa Pav.1 e LT2 da Fossa Pav.2

- RN1 - LER 150106 - PA1
- RN2 - LER 100101
- RP1 - LER 200121
- RP2 - LER 150110 - PA3

Sapor- Sociedade Portuguesa, Lda.



Requerente:
**Pedro
Nunes**

Planta de Implantação
Fontes Fixas

Data
Março 2019
Desenhou
D. Marinho
Aprovou

Anexo V

Pano de Gestão de Efluentes Pecuários



Correspondências
Correio Registrado
Talão de Aceitação



RH 4650 5234 8 PT

Antes de preencher leia com atenção
Veja as instruções no verso

A forma mais segura de enviar documentos e objetos valiosos porque tem:

- Tratamento Especial
- Código de Barras com número de identificação único
- Controlo Individual
- Cobertura por um seguro

Destinatário

Nome

DRAP - LVT

Morada

Quinta das Oliveiras - E.N.3

Código Postal 2000-471 Santo Vito

Remetente

Nome

Pedro Manuel da Silva Nunes

Morada

Rua da Guarda Nacional Republicana, n.º 15, 1.º

Código Postal 2050-317 Azambuje

- | | | | |
|--|--|--|---|
| ☒ Nacional | ☐ Internacional | ☐ Correio Registrado Simples | ☒ Correio Registrado |
| ☐ Pré-Pagos | ☐ Livro | ☐ Citação Via Postal | ☐ Notificação Via Postal |
| ☐ Saco Multipostal | ☐ _____ | ☐ Citação Via Postal 2ª Tentativa | ☐ Notificação Via Postal Simples |

Serviços Especiais

☐ Aviso de Receção (AR)

☐ Contra Reembolso (COB)

☐ Valor Declarado (VD)

Peso

☐ Entrega ao Próprio

€ ,

€ ,

DTS

☐ Entrega ao Domicílio Saco

Aviso Eletrónico

☐ SMS

☐ E-mail

N.º de Telemóvel

RH465052348PT

TOMAR

03-871427

2019-10-08 12:00:45

€3,35

2300 TOMAR



COMPROVATIVO

RH465052348PT

ctt.pt

Linha CTT

707 26 26 26

Dias úteis e sábados das 8h às 22h

O acionante

[Handwritten signature]

Importante

Conserve este talão, será necessário em caso de pedido de informação ou reclamação.

As reclamações deverão ser apresentadas no prazo, de 1 (um) ano para o serviço nacional, e de 6 (seis) meses para o serviço internacional. Pela internet ou pelo telefone é possível saber onde se encontra o seu Correio Registrado em determinado momento.

Este talão não serve de recibo de pagamento.

Pedro Manuel da Silva Nunes

Rua da Guarda Nacional Republicana Nº15, 1º
2050 – 317 Azambuja
Contribuinte: 208 662 944

À

D.R.A.P.- LVT

Quinta das Oliveiras – E.N.3
2000 – 471 Santarém

Assunto: PGEP da Exploração avícola de Pedro Manuel da Silva Nunes
P.222/REAP-005573/02/LVT

Vossa referência : Contacto Eletrónico de 17 de Junho de 2019

Exmos. Senhores,

De acordo com o contacto eletrónico do passado dia 17 de Junho, vimos deste modo apresentar em quintuplicado o novo Plano de Gestão De Efluentes Pecuários.

Anexa-se ainda o IE/P3 e a declaração da Sociedade Agrícola J.B. Gaga, Unipessoal, Lda.

Os melhores cumprimentos.

Cartaxo, 08 de Outubro de 2019

Respeitosamente



Anexos:

Anexo 1 – PGEP / IE/P3/Declaração

3.3 - Produção prevista de efluentes pecuários - (Ton. ou m³)

NP	Espécie	CN	Estrumes (Ton)	Chorume (m3)	Kg de Ndsp	Kg de P2O5	Kg de K2O
	Bovinos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Suínos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Ovinos_caprinos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Aves	420,0	672,0	0,0	9282,0	10920,0	15288,0
	Equídeos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Leporídeos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Outras Espécies	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Totais	420	672	0	9282	10920	15288
Efluentes pecuários retidos no pastoreio			0,0	0,0			
Produção Mensal esperada			56	0			

3.4 - Capacidades de armazenamento de efluentes

Nº	Identificação da estrutura de armazenamento	Capacidade		Observações
		Estrume (ton.)	Chorume (m3)	
1	Nitreira (14 x 10 x 2,5)	350		
Capacidade total da exploração		350	0	

3.5 - Capacidade de armazenamento de efluentes pecuários assegurada por terceiros

Identificação da Unidade de Terceiros	Capacidade		Doc.Suporte a anexar
	Estrume (ton.)	Chorume (m3)	
Capacidade contratada com terceiros	0	0	

3.6 - Valorização Agrícola de subprodutos animais Transformados (SPOAT)

Cod	Tipo de produto	Quant. Prev(t)	% N Ttl	Total N	% P	Total P	Observ.
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
		0		0		0	

4 - Encaminhamento ou Destino dos efluentes pecuários produzidos. (Selecionar as opções aplicáveis)

	Quantidade (prevista/verificada)	Estrume (ton)	Chorume (m³)	Quantidade Ndisp	Quantidade P2O5
1	Valorização agrícola na exploração C/ Base VAEP	672	0	9282	10920
2	Valorização agrícola por terceiros	672			
3	Unidade de compostagem anexa à exploração		N/ Aplic.	Observ.	
4	Unidade de biogás anexa à exploração				
5	Utilização como combustível na exploração		N/ Aplic.		
6	ETAR própria e descarga em meio hídrico (DL 226-A.07)	N/ Aplic.			
7	Unidade de compostagem ou de biogás autónoma				
8	EPTAR	N/ Aplic.			
9	Incineração / co-incineração em unidade autónoma		N/ Aplic.		
10	Redes colectivas de drenagem (ex. sistemas de saneamento municipais)	N/ Aplic.			
11	ETAR colectiva	N/ Aplic.			
12	Outro encaminhamento ou destino				

5. Anexos

- ☐ Caracterização de Núcleo de Produção de Bovinos (NPB)
☐ Caracterização de Núcleo de Produção de Suínos (NPS)
☐ Caracterização de Núcleo de Produção de Ovinos / Caprinos (NPOC)
☒ Caracterização de Núcleo de Produção de Aves (NPA)
☐ Caracterização de Núcleo de Produção de Equídeos (NPE)
☐ Caracterização de Núcleo de Produção de Leporídeos (NPL)
☒ Valorização agrícola de efluentes pecuários (VAEP)

☐ Outros (especifique):

Memória descritiva que inclua os seguintes itens:

- ☐ Descrição do sistema de recolha, incluindo equipamentos utilizados.
☐ Descrição do sistema de redução, incluindo equipamentos utilizados.
☐ Descrição do sistema de armazenamento, incluindo equipamentos utilizados.
☐ Descrição do(s) sistema(s) e equipamentos de: transporte, tratamento e transformação
☐ Descrição das estruturas de vedação das estruturas de armazenamento que impeça a queda de pessoas ou animais nos tanques, bem como o seu resguardo de acesso indevido.

6. Termo

Local e data

Carfaxo

8

de

/ Outubro

/

de

20 20

(Assinatura do Titular / requerente)

(Assinatura do Titular / requerente)

Plano de Gestão de Efluentes Pecuários - PGEP
 Versão 5.05 (S_N_201711091209)
Caracterização do(s) Núcleo(s) de Produção de Aves (NPA)

Identificação

NIF: **208662944** N.º Processo: PGEP n.º:

Nome da exploração: **Pedro Manuel da Silva Nunes** Número de Registo da exploração – NRE: **5 114 315**

Capacidade do NP

				Matérias de Cama		Pastoreio		Parque exterior		Produção prevista de efluentes pecuários							
Animais	Nº	CN	Nº.CN	Tipo Prod	Kg/ Ani./mês	Mês/ano	Horas / dia	Mês/ ano	Horas / dia	Estrume			Excrementos (apenas Galinhas Poedeiras)		N.dsp (Kg)	P2O5 (Kg)	K2O (Kg)
										▼ %	(ton)	Ndisp (Kg/t)	(m³)	Ndisp (Kg/m³)			
Frango de carne int. superior a 28 dias	70000	0,008	420	Aparas Sexim	0,15					100	546,0	17			9282	10920	15288
Total	70000		420	Efl. Pecuários anual ->							546		0		9282	10920	15288

Efl. Pecuários anual ->

Outros produtos ou matérias incorporados ou que alteram os efluentes pecuários

Área de exteriores impermeabilizadas (AEI): **0** m²

Tipo/ Origem	Estrumes (t)	Chorumes (m³)	Observações
Águas Pluviais n/ separadas	*****	0,0	
Total Material Cama utilizado (ton)	126,0	*****	
Sólidos provenientes da separação de chorume	*****	*****	
Águas de Lavagem e escorrências	*****	0	

Resumo

Efluente	Sólido (t)	Líquido (m³)
Total Anual	672,0	0,0
Produção Média Mensal	56,0	0,0
Efluentes retidos no pastoreio (-)	0,0	0,0
Efluentes retidos parque exterior	0,0	0,0
Total anual para cálculo da capacidade de retenção	672	0
Produção média mensal a reter	56	0
N.º de meses de retenção	4,0	4,0
Cap. mínima de retenção (m³)	224	0

Observações

Valorização Agrícola de Efluentes Pecuários e SPOAT

Efluentes		TOTAIS		Nutrientes					
Produzido	Aplicado	Saldo			Necessidades	Aplicado	Saldo		
Estrume	672	672	0	ton	N disp	13 378	9 282	4 696	Kg
Chorume	0	0	0	m3	P2O5	14 566	10 920	3 640	Kg
SPOAT	0	0		ton					

[illegible]

9282

[illegible]

DECLARAÇÃO

Sociedade Agrícola J.B. Cas^{unPda}, contribuinte nº 507195027, na qualidade de detentor do P3 em anexo, declara aceitar para espalhamento nas suas parcelas, o efluente pecuário proveniente de uma exploração pecuária pertença de *Pedro Manuel da Silva Nunes*, contribuinte nº 208 662 944, sita em Cabeço de Ferreiros - Cartaxo.

Cartaxo, 11 de Abril de 2019

O declarante

José Bento Cas

Anexo:IE / P3

 IFAP Instituto de Fomento da Agricultura e Pecuária IE	Caracterização da Exploração Agrícola	IE	REPÚBLICA PORTUGUESA SECRETARIA REGIONAL DE AGRICULTURA E Pecuária
	 		Data Emissão: 30-11-2018 N.º Páginas: 5

IDENTIFICAÇÃO DO BENEFICIÁRIO	
Nome/Designação social: SOCIEDADE AGRICOLA J. B. GAGA, UNIPessoal LDA	
NIFAP: 6257802	NIF: 507195027

Sistema de Identificação Parcelar
--

1. Identificação de Parcelas / Baldios

1.1 Identificação das parcelas / baldios													
N.º Seq	N.º Parcelário	Nome da Parcela	Secção / Finanças	Artigo	Exploração		MultDec	Área GIS (ha)	MAE		ICAP	Ação	Data última atualização
					Forma	S/N/L			1º PILAR	2º PILAR			
1103 - AZAMBUJA					04 - AZAMBUJA								
1	1372321183001	PORTO E SENHORINHA	CD	1	Cedência	S	C/E	69,32	64,02	64,02	1	O	2017-09-05
2	1372333172001	CORTES DE PALMELA	AN	1	Rendimento	S		30,75	30,75	30,75	1	N	2018-04-26
3	1382304669001	PRIOR	DJ	36/37	Proprietário	S		0,14	0,00	0,00	1	N	2018-09-14
4	1382305230400	COURELA DO COSTA	DJ	26;28;29	Cedência	S	C/E	4,69	4,68	4,68	1	A	2018-04-26
5	1382305230500	CORREDORA	DJ	31/34	Proprietário	S		3,72	3,65	3,71	1	O	2017-09-06
6	1382309071001	PEGADAS GRANDES	DI	1	Cedência	S	C/E	5,08	4,99	4,99	1	O	2017-08-29
7	1382309120001	COURELA DE SAO PEDRO	DJ	33;35	Rendimento	S	C/E	1,37	1,34	1,34	1	O	2017-08-30
8	1382309120003	BOCA DO RIO	DE	38	Rendimento	S	C/E	0,98	0,90	0,90	1	O	2017-08-30
9	1382309120004	CORREDORA PEQUENA	DJ	41	Rendimento	S	C/E	0,92	0,80	0,80	1	O	2017-08-30
10	1382309120007	BOCA DO RIO	DJ	39	Cedência	S		0,94	0,89	0,89	1	O	2017-09-06
11	1382309120008	PRIOR	DJ	36/37	Proprietário	S		2,03	2,03	2,03	1	O	2017-09-06
12	1382309120011	CORREDORA PEQUENA	DJ	40	Cedência	S	C/E	0,86	0,83	0,83	1	O	2017-09-05
13	1382317409002	CASTELOS	DF2	3	Cedência	S		13,36	13,09	13,09	1	O	2017-09-06
14	1382334920001	QUINTA DAS QUEBRADAS	.	.	Proprietário	S		4,28	3,16	3,16	1	N	2018-08-13
15	1392295389002	PRAZO E PRAIA	DI	3	Cedência	S	C/E	3,53	3,53	3,53	1	O	2017-09-06
16	1392295389200	PRAZO	DI	3	Rendimento	S	C/E	4,04	4,04	4,04	1	L	2017-09-06
17	1392301337002	PRASO	DI	3	Rendimento	S	C/E	12,43	11,45	11,45	1	O	2017-09-05
18	1392302192001	SALEMA	DF2;DF4	2;4	Rendimento	S	C/E	25,46	24,32	24,32	1	O	2017-09-04
19	1392323377001	REDONDO	BX	1	Cedência	S	C/E	5,02	4,76	4,76	1	O	2017-09-04
20	1392327014002	TORMENTOS	AT	9	Rendimento	S	C/E	4,27	4,06	4,06	1	O	2017-09-04
21	1392327360002	TORMENTOS	AT	9	Proprietário	S	C/E	10,18	9,86	9,86	1	O	2017-09-04
22	1392333267001	QUINTA DAS QUEBRADAS	AS	1	Rendimento	S		28,55	28,55	28,55	1	O	2017-09-06
23	1392336104001	QUINTA DAS QUEBRADAS	.	.	Proprietário	S		29,73	29,69	29,69	1	L	2018-08-13
24	1392342500002	VQ-QUINTA DAS QUEBRADAS	AS	1	Cedência	S		0,86	0,82	0,82	1	A	2017-11-03
25	1402311642500	SALGADOS	BV	11	Cedência	S	C/E	7,84	7,84	7,84	1	O	2017-09-06
26	1402311803001	POSTA DO FUNDO	DG	11	Proprietário	N	C/E	9,08	9,01	9,01	1	C	2018-04-16
27	1402312385001	RABO DE GALO	BV	10	Proprietário	S	C/E	1,52	1,34	1,34	1	O	2017-09-06
28	1402343916001	Mota Encarnada Prazo	AV;AB	6;5	Cedência	S		32,60	32,53	32,53	1	O	2017-09-06
29	1412321720001	EMPOSTAS 26-27-28	BS	4	Rendimento	S	C/E	17,85	17,23	17,23	1	O	2017-09-06
Nº Parcelas:		29	Total Área GIS (ha):		328,40	Total Área Explorada (ha):		319,32					
Nº Parcelas de Baldio:		0	Total Área GIS (ha):		0,00	Área Explorada 1º Pilar (ha):		0,00					
						Área Explorada 2º Pilar (ha):		0,00					

Unidade Orgânica: IFAP
 Criado por: iDIGITAL
 Assinatura do Beneficiário: _____



SISTEMA DE IDENTIFICAÇÃO PARCELAR
DOCUMENTO ORTOFOTOGRAFICO DA PARCELA

PORTUGAL



AGRICULTURA, PESQUISA E DESENVOLVIMENTO RURAL

P3

N

N.º CONTRIBUINTE: 507195027

NIFAP: 6257802

DATA EMISSÃO: 2017-12-12

NOME: SOCIEDADE AGRICOLA J. B. GAGA, UNIPessoal LDA

N.º DO PARCELÁRIO: 1392333267001

Nome da Parcela: QUINTA DAS QUEBRADAS

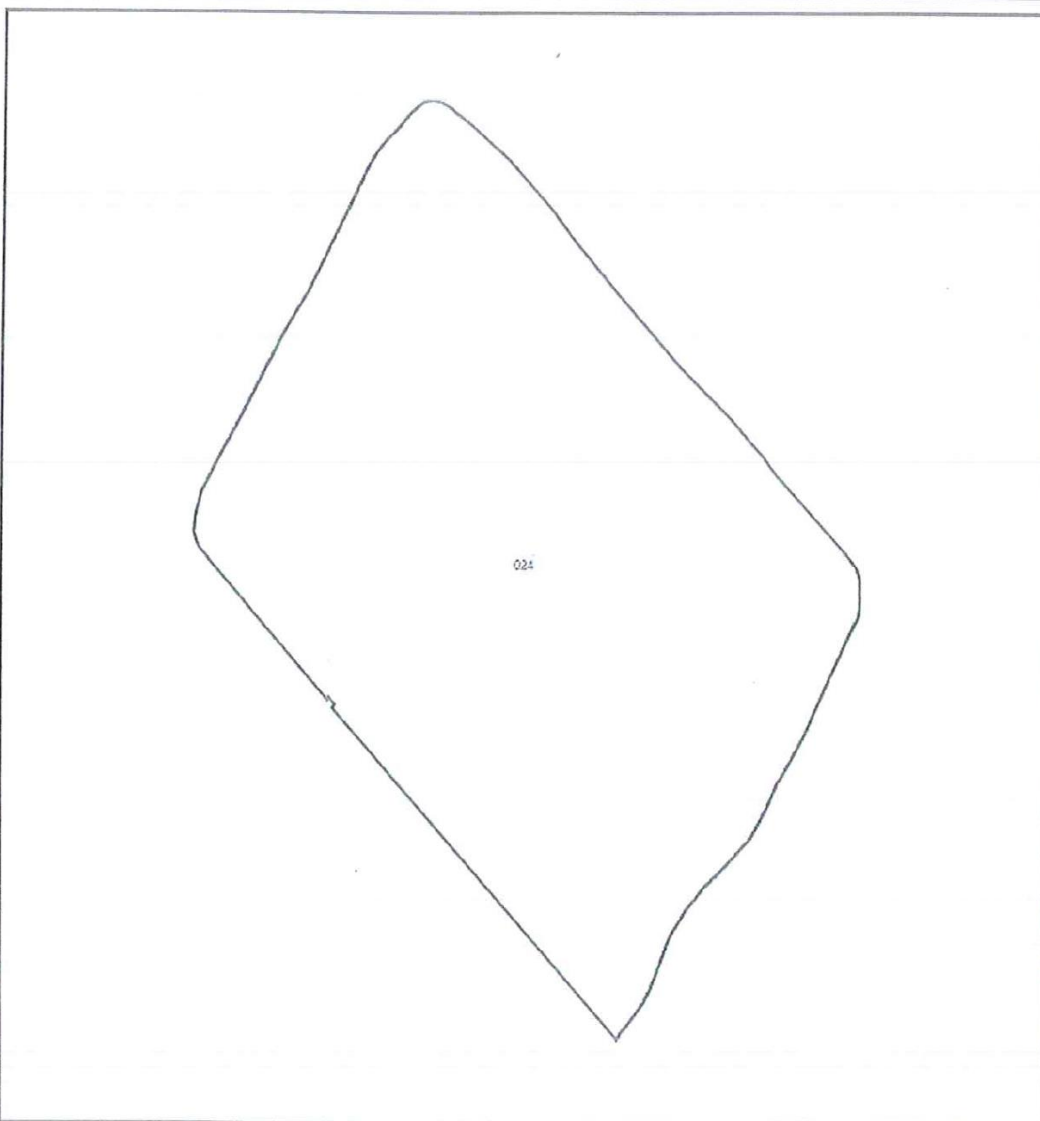
CONCELHO: 1103 - AZAMBUJA

FREGUESIA: 04 - AZAMBUJA

Área (ha): 28,55

MAE 1º Pilar: 28,55

MAE 2º Pilar: 28,55



Limite da Parcela:
Limite da Ocupação do Solo:



OCUPAÇÃO DE SOLO

Sub-parc.	Área (ha)	Código	Descrição	V.A.	Gratu Cob.	Origem Dados	Última Revisão
024	28,55	CTP-CA	Culturas Temporárias			REV	2017-09-06



IFAP
Instituto de Financiamento
da Agricultura e Pescas, I.P.

SISTEMA DE IDENTIFICAÇÃO PARCELAR
DOCUMENTO ORTOFOTOGRAFICO DA PARCELA
PORTUGAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA

AGÊNCIA RORISTAS
E DESENVOLVIMENTO RURAL
ARZ

P3

N

DATA EMISSÃO: 2018-08-13

N.º DO PARCELÁRIO: 1392336104001

Nome da Parcela: QUINTA DAS QUEBRADAS

CONCELHO: 1103 - AZAMBUJA

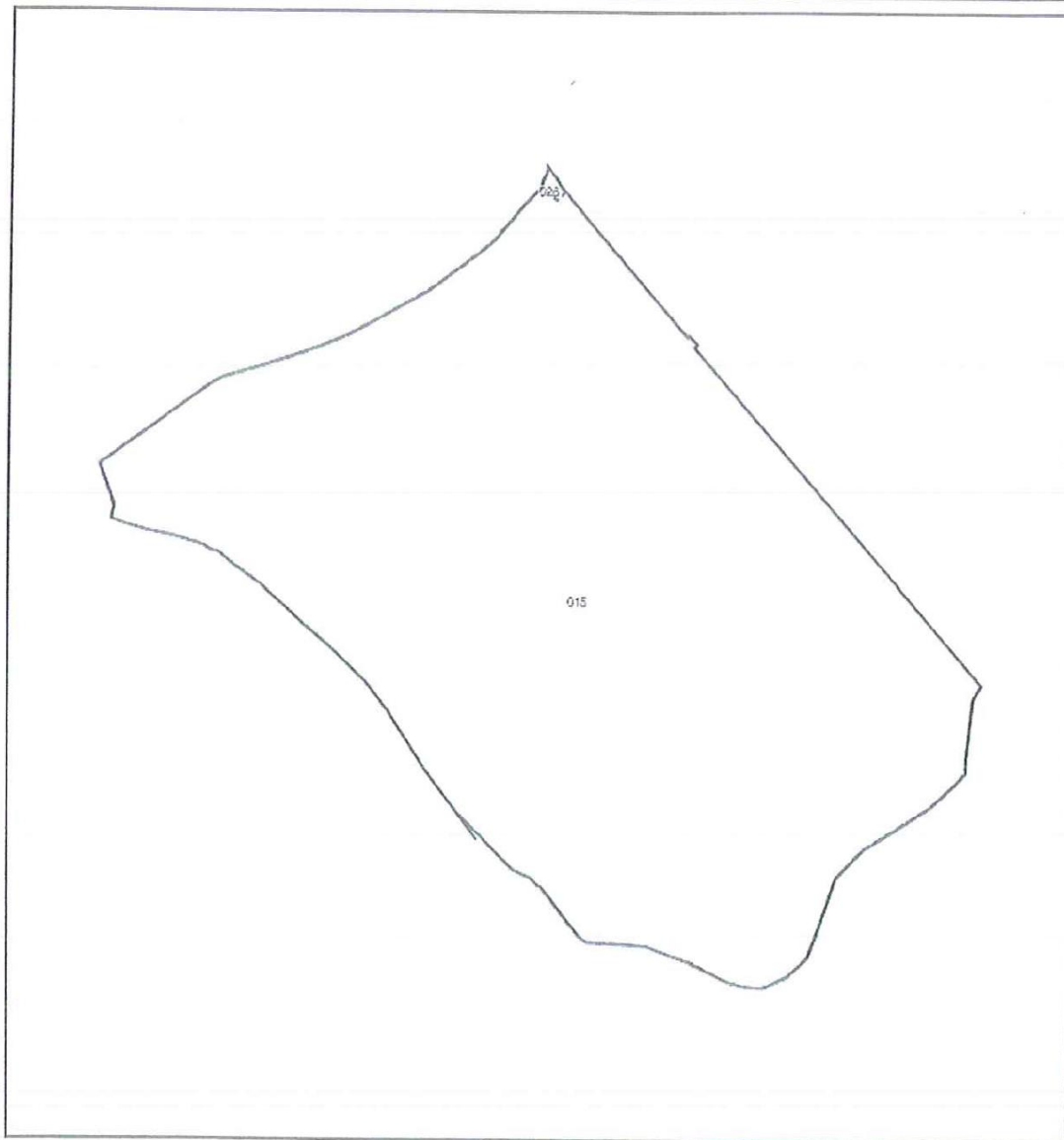
FREGUESIA: 04 - AZAMBUJA

Área (ha): 29,73

MAE 1º Pilar: 29,69

MAE 2º Pilar: 29,69

— Limite da Parcela;
- - - Limite da Ocupação do Solo;



P3P - P 7 1 5 9 8 8 0 - 1 8 5 5 7 9 3 2

OCUPAÇÃO DE SOLO

Sub parc	Área (ha)	Código	Descrição	VA	Grau Cob.	Origem Dados	Última Revisão
015	29,69	GTP-GA	Culturas Temporárias			INO	2018-04-24
026	0,03	SAS-AS	Área social			INO	2018-04-24



SISTEMA DE IDENTIFICAÇÃO PARCELAR
DOCUMENTO ORTOFOTOGRAFICO DA PARCELA
PORTUGAL



AGRICULTURA, PESCAÇARIA
E DESENVOLVIMENTO RURAL
AMR

P3

N

DATA EMISSÃO: 2018-08-13

N.º DO PARCELÁRIO: 1392336104001 Nome da Parcela: QUINTA DAS QUEBRADAS
CONCELHO: 1103 - AZAMBUJA FREGUESIA: 04 - AZAMBUJA
Área (ha): 29,73 MAE 1º Pilar: 29,69 MAE 2º Pilar: 29,69

Voo: Ano de 2015 - Escala do voo: 1:0 - Correspondência com parcel de 0,5 metros - Datum: 73_Hayford_Gauss_KrueE
Ortofoto: 10770310

Limite da Parcela:
Limite da Ocupação do Solo:



Coordenada do Centróide em WGS84: Lat: 39.065251 Long: -8.835924

OCUPAÇÃO DE SOLO		
Código	Descrição	Área (ha)
CTP-CA	Culturas Temporárias	29,69
SAS-AS	Área social	0,03



IFAP
Instituto de Financiamento
da Agricultura e Pescas, IP

SISTEMA DE IDENTIFICAÇÃO PARCELAR
DOCUMENTO ORTOFOTOGRAFICO DA PARCELA

PORTUGAL



REPUBLICA
PORTUGUESA
AGRICULTURA, FLORESTAS
E PESCAÇAS

P3

N

N.º CONTRIBUINTE: 507195027

NIFAP: 6257802

DATA EMISSÃO: 2017-12-12

NOME: SOCIEDADE AGRICOLA J. B. GAGA, UNIPessoal LDA

N.º DO PARCELÁRIO: 1392333267001

Nome da Parcela: QUINTA DAS QUEBRADAS

CONCELHO: 1103 - AZAMBUJA

FREGUESIA: 04 - AZAMBUJA

Área (ha): 28,55

MAE 1º Pilar: 28,55

MAE 2º Pilar: 28,55

Nota: Para obter o ficheiro de dados de localização da parcela, consulte o site do IFAP.
Código de identificação: A3770219

Limite da Cotação da Solo:



Coordenada do Centrôide em WGS84: Lat: 39.068538 Long: -8.832681

OCUPAÇÃO DE SOLO		
Código	Descrição	Área (ha)
CTP-CA	Culturas Temporárias	28,55

Anexo VI

Comprovativo de Recolha de Cadáveres



REPÚBLICA
PORTUGUESA

AGRICULTURA, FLORESTAS
E DESENVOLVIMENTO RURAL



Matérias de

- ☐ Categoria 1 - Destinados exclusivamente a eliminação
- ☒ Categoria 2 - Não destinados ao consumo animal
- ☐ Categoria 3 - Não destinados ao consumo humano

Série C

GUIA DE ACOMPANHAMENTO

SUBPRODUTOS ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS

1 - ORIGEM

Nome Pedro Manuel Nunes N.º aprovação/registo

Endereço Roberto do Amaral 2010-548- Alm.

Pessoa a contactar Pedro Nunes Telefone

Caracterização dos subprodutos (indicar os valores parcelares e totais em Kg)

	Bovinos	Ovinos/Caprinos	Suínos	Aves	Prod. Pesca	Total
Cadáveres				X		
Carcças/Carne						
Miudezas/Gorduras						
Ossos						
M1/M2 retidas SPT águas residuais						

Caracterização dos produtos derivados

Natureza do produto Espécie

Método processamento Lote

Destinatário Quantidade (Kg) 65 kg

Menções obrigatórias

- ☐ Proteínas animais transformadas de origem não ruminante - não utilizar na produção de alimentos para animais de criação, exceto animais de aquicultura e animais produtores de peles com pelo.
- ☐ Contém farinha de peixe - não utilizar na alimentação de ruminantes.
- ☐ Contém fosfato dicálcico/fosfato tricálcico - não utilizar na alimentação de ruminantes.
- ☐ Contém produtos derivados de sangue - não utilizar na alimentação de ruminantes.

Condições de acondicionamento

☐ Granel ☐ Viatura selada sem número

☐ Contentor estanque n.º ☐ Viatura selada com número

☐ Big-Bags de Kgs

☐ Sacos de Kgs

Data 26 / 4 / 2019 Viatura selada por

Assinatura

2 - TRANSPORTADOR

Nome Intercos SA N.º registo

Endereço

Pessoa a contactar Telefone 933035180

Matrícula veículo 22-93-2A Assinatura

3 - DESTINATÁRIO

Nome N.º aprovação/registo

Endereço

Pessoa a contactar Telefone

Data de receção Quantidade recebida (Kg) 65 Kg Assinatura

DUPLICADO - Para devolver ao produtor depois de confirmada pelo destinatário

Mod. 376 DGAV - Preço: Nos termos da legislação em vigor

Anexo VII

Quadro Q.34

Quadro Q34 – Efluentes pecuários (EP) e subprodutos de origem animal (SPA) produzidos na Instalação

Estrume, excrementos, águas de lavagem (chorume), cadáveres de animais, cascas de ovos/ovos partidos, entre outros

Designação (1)	Categoria de SPA (2)	Caraterização (3)	Unidade/Processo que lhe deu origem	Quantidade gerada (t/ano)	Transportador (4)		Destinatário (4)		Operação efetuada dentro ou fora da instalação
					Nome	NIPC	Nome	NIPC	
SPAP1	M2	Cadáveres	Mortalidade	0,400	Interaves, S.A.	501 416 170	Interaves S A	501 416 170	Fora da instalação
SPAP2	M2	Estrume	Estadia das Aves		Sociedade Agrícola J.B. Gaga, Unipessoal Lda.	507195027	Sociedade Agrícola J.B. Gaga, Unipessoal Lda.	507195027	Fora da instalação

(1) Deverá ser usada a designação SPAP para SPA produzidos (ex: SPAP1, SPAP1+n)

(2) Categoria SPA de acordo com Regulamento (CE) n.º 1069/2009.

(3) Neste campo deverá ser efetuada a caraterização qualitativa do EP e SPA.

(4) Se o transportador e ou destinatário for o próprio produtor, indicar “o próprio”.

Anexo VIII

Quadro Q.35 e Q.35 A

Quadro Q35 – Armazenamento temporário dos EP e SPA produzidos

Código	Área (m2)			Vedado	Sistema de drenagem (1)	Bacia de Retenção (2)	EP e SPA Armazenados	Acondicionamento					Obs.
	Total	Coberta	Impermeabilizada					Tipo de recipiente (3)	Material do recipiente (4)	Número de recipientes e respetiva capacidade			
										Número	Capacidade Recipientes	Unidade Recipiente (5)	
SPAP 2	8	8	8	S	Não	Não	Cadáveres de aves	Arca Congeladora	Aço	1	500	Litros	Localizada na área onde está localizado o gerador
SPAP 1	140 m ²	140 m ²	140 m ²	Si	Sim	Sim	Estrumes	Betão	Alvenaria	1	350	m ³	Localizada entre os pavilhões

(1) Sim/Não. Caso. Sim, identifique o local de destino das escorrências, assim como descrição dos eventuais sistemas de tratamento existentes.

(2) Sim/Não. Se sim, indicar o volume (m3).

(3) A preencher por cada EP e SPA (Tambor, Jerrican, Caixa, Saco, Embalagem Compósita, Tanque, Embalagem Metálica Leve, Arca congeladora ou Frigorífica, Pavilhão/Armazém, Fossa, Lagoa, Outro (especifique na coluna Observações), Não Aplicável (justifique na coluna Observações).

(4) A preencher por cada EP e SPA (Aço, Alumínio, Matéria Plástica, Outro (especifique na coluna Observações), Não Aplicável (justifique na coluna Observações).

(5) A preencher por cada EP e SPA. Indicação do número de recipientes e quantidade armazenada (kg ou m3).

Quadro Q35 – Efluentes Pecuários - Armazenamento temporário dos EP e SPA produzidos - Parques de armazenamento

Código	Área (m2)			Vedado (Sim/Não)	Sistema de drenagem ⁽¹⁾			Bacia de Retenção ⁽²⁾	
	Total	Coberta	Impermeabilizada		Aplicável (Sim/Não)	Descrição	Destino	Aplicável (Sim/Não)	Volume (m3)
PA1	140	140	140	S	Sim	Fossa	Fossa	Não	
PA2	8	8	8	S	Não			Não	

(1) Caso aplicável Sim, identificação do local de destino das escorrências, assim como descrição dos eventuais sistemas de tratamento existentes.

(2) Caso aplicável Sim, indicar Volume (em m3).

Quadro Q35A – Efluentes Pecuários - Armazenamento temporário dos EP e SPA produzidos - Resíduos armazenados

Código do parque de armazenamento (1)	EP e SPA Armazenados	Acondicionamento					Observações
		Tipo de recipiente (2)	Material do recipiente (3)	Número de recipientes	Capacidade Recipientes	Unidade Recipiente	

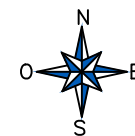
(1) Código do parque de armazenamento utilizado no preenchimento da primeira coluna do quadro Q35.

(2) Tipo de recipiente: Tambor; Jerricane; Caixa; Saco; Embalagem Compósita; Tanque; Arca congeladora ou frigorífica; Embalagem Metálica Leve; Pavilhão/Armazém; Fossa; Lagoa; Outro (especifique nas Observações); Não Aplicável (justifique nas Observações).

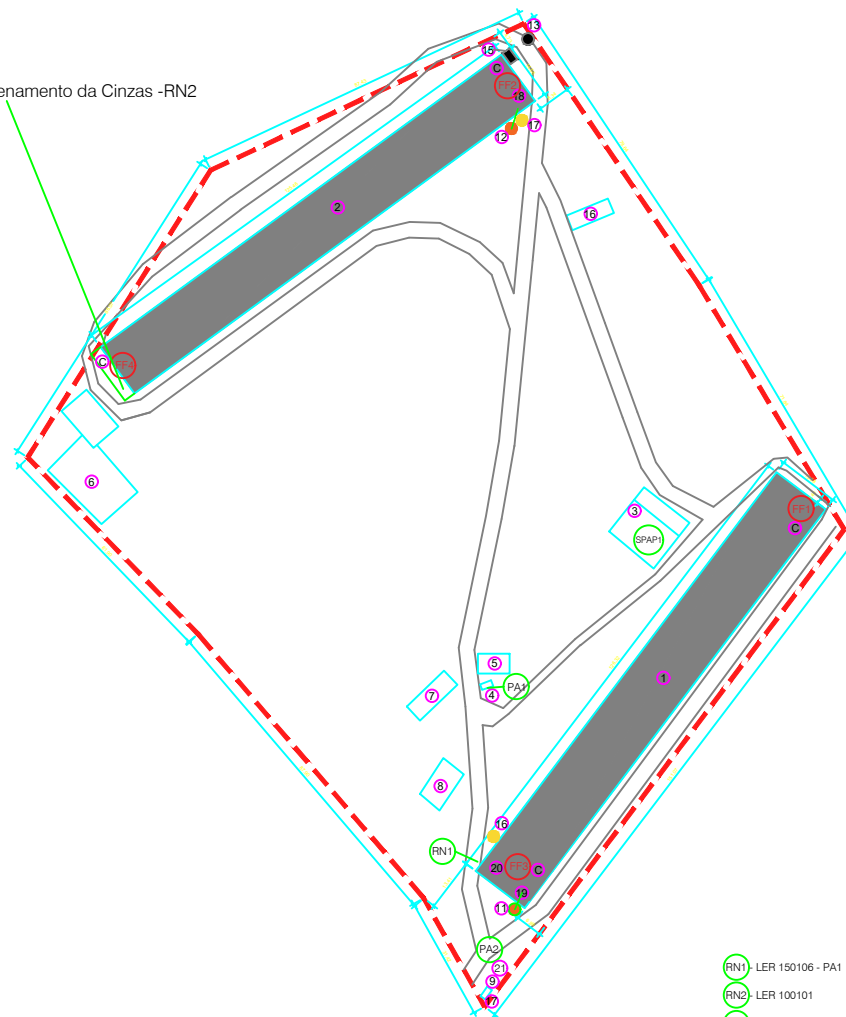
(3) Material do recipiente: Aço; Alumínio; Matéria Plástica; Outro (especifique nas Observações); Não Aplicável (justifique nas Observações).

Anexo IX

Planta



Local de Armazenamento da Cinzas -RN2



LEGENDA

- 1 - Pavilhão nº1
- 2 - Pavilhão nº2
- 3 - Arrumos / Nitreira - SPAP1
- 4 - Armazenamento Produtos- RP1/RP2/RN1
- 5 - Arrumos / Tractor
- 6 - Camas
- 7 - Anexo da Habitação
- 8 - Habitação do Requerente
- 9 - Gerador
- 10 - Entrada
- 11 - Fossa WC Pavilhão nº1 - FS1
- 12 - Fossa WC Pavilhão nº2 - FS2
- 13 - Furo AC1
- 14 - Depósito de Água - 30 m3
- 15 - Silo Pavilhão nº1
- 16 - Silo Pavilhão nº2
- 17 - WC
- 18 - WC/ Vestiário
- 19 - Escritório
- 20 - Aca de Cadáveres - PA2
- 21 - Caldeira
- LT1 da Fossa Pav.1 e LT2 da Fossa Pav.2

- RN1 - LER 150106 - PA1
- RN2 - LER 100101
- RP1 - LER 200121
- RP2 - LER 150110 - PA3

Sapor- Sociedade Portuguesa, Lda.



Requerente:
**Pedro
Nunes**

Planta de Implantação
Fontes Fixas

Data
Março 2019
Desenhou
D. Marinho
Aprovou

Anexo X

MTD's

								
ANEXO – MELHORES TÉCNICAS DISPONÍVEIS								
BREF - Eficiência energética (ENE) Data de adoção: 02/2009								
n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD	Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano) / Descrição da técnica alternativa implementada	Motivo da não aplicabilidade
4.2 MTD PARA INSTALAÇÕES								
4.2.1. Gestão da eficiência energética								
1.	Implementar e aderir a um sistema de gestão da eficiência energética que incorpore, conforme apropriado às circunstâncias locais, todas as seguintes especificidades (ver secção 2.1)	A implementar					jan/22	
1. a)	Compromisso da gestão de topo (o compromisso da gestão é considerado uma condição prévia para a aplicação bem sucedida da gestão da eficiência energética);							
1. b)	Definição, pela gestão de topo, de uma política de eficiência energética para a instalação;							
1. c)	Planeamento e estabelecimento de objectivos e metas (ver MTD 2, 3 e 8);							
1. d)	Implementação e realização de procedimentos, com especial atenção para:							
1. d) i.	Estrutura e responsabilidade							
1. d) ii.	Formação, sensibilização e competência (ver MTD 13)							
1. d) iii.	Comunicação							
1. d) iv.	Envolvimento dos trabalhadores;							
1. d) v.	Documentação							
1. d) vi.	Controlo eficaz dos processos (ver MTD 14)							
1. d) vii.	Preparação e resposta a emergências							
1. d) ix.	Salvaguarda do cumprimento da legislação e dos acordos relativos à eficiência energética (quando existirem).							
1. e)	<i>Benchmarking</i> : Identificação e avaliação de indicadores de eficiência energética ao longo do tempo (ver MTD 8) e comparações sistemáticas e regulares com <i>benchmarks</i> setoriais, nacionais ou regionais para eficiência energética, quando disponham de dados verificados (ver secções 2.1 e), 2.16 e MTD 9)							
1. f)	Verificação do desempenho e adoção de medidas corretivas, prestando especial atenção a:							
1. f) i.	Controlo e monitorização (ver MTD 16)							
1. f) ii.	Ações preventivas e corretivas							
1. f) iii.	Manutenção de registos							
1. f) iv.	Auditorias internas independentes (se tal for exequível) a fim de determinar se o sistema de gestão de eficiência energética se encontra, ou não, em conformidade com as disposições planeadas e se o mesmo tem sido adequadamente implementado e mantido (ver MTD 4 e 5)							
1. g)	Revisão, pela gestão de topo, do sistema de gestão de eficiência energética e garantia da sua contínua adequabilidade e eficácia.							
4.2.2. Planeamento e estabelecimento de objetivos e metas								
4.2.2.1. Melhoria contínua do ambiente								
2.	Minimizar de forma contínua o impacto ambiental de uma instalação através do planeamento de ações e de investimentos de forma integrada e a curto, médio e longo prazo, tomando em consideração os custos-benefícios e os efeitos cruzados.	A implementar					jan/22	
4.2.2.2. Identificação dos aspetos relacionados com a eficiência energética de uma instalação e oportunidades de poupança de energia								
3.	Realizar auditorias para identificar os aspetos que influenciam a eficiência energética da instalação. É importante que essa auditoria seja coerente com as abordagens de sistema.	A implementar					jan/22	
4.	Aquando da realização de auditorias, assegurar que sejam identificados os seguintes aspetos:	A implementar					jan/22	
4. a)	tipo e utilizações de energia na instalação, respetivos sistemas e processos;							
4. b)	Equipamentos consumidores de energia, tipo e quantidade de energia consumida na instalação;							
4. c)	Possibilidades de redução do consumo de energia, como por exemplo:							
4. c) i.	Controlo/redução dos tempos de operação, eg. desligando os sistemas quando não estiverem a ser utilizados;							
4. c) ii.	otimização do isolamento;							
4. c) iii.	Otimização das redes de utilidades, sistemas, processos e equipamentos que lhes estejam associados.							
4. d)	Possibilidades de utilização de fontes alternativas de energia ou de utilização de energia mais eficiente aproveitando, em particular, a energia excedente de outros processos e ou sistemas.							
4. e)	possibilidades de aplicar a energia excedente noutros processos e ou sistemas							
4. f)	possibilidades de melhoria do nível de calor (temperatura)							
5.	Utilizar ferramentas e metodologias apropriadas para apoiar na avaliação e quantificação da otimização energética, como por exemplo:	A implementar					jan/22	
5. a)	Modelos, bases de dados e balanços energéticos;							
5. b)	Técnicas como a metodologia <i>pinch</i> , a análise da exergia ou da entalpia ou a termoeconomia;							
5. c)	Estimativas e cálculos.							
6.	Identificar possibilidades de otimização da recuperação energética na instalação, entre sistemas da própria instalação e ou com outras instalações	Não aplicável						Não se realiza recuperação na Exploração
4.2.2.3. Abordagem de sistemas para a gestão energética								
7.	Otimizar a eficiência energética adotando uma abordagem de sistemas para a gestão energética na instalação. Os sistemas a considerar para a otimização no seu todo são, por exemplo:	A implementar					jan/22	
7. a)	Unidades de processo (vide BREFs setoriais)							
7. b)	Sistemas de aquecimento, como por exemplo: vapor, água quente;							
7. c)	Arrefecimento e vácuo (vide BREF ICS)							
7. d)	Sistemas a motor, como por exemplo: ar comprimido e bombagem;							
7. e)	Iluminação;							
7. f)	Secagem, separação e concentração.							
4.2.2.4. Estabelecimento e revisão dos objetivos e indicadores de eficiência energética								
8.	Estabelecer indicadores adequados de eficiência energética através da aplicação das seguintes medidas:	A implementar					jan/22	
8. a)	Identificação de indicadores de eficiência energética adequados para a instalação e, quando necessário, para processos individuais, sistemas e/ou unidades, e quantificação da sua evolução ao longo do tempo ou após a aplicação de medidas de eficiência energética;							
8. b)	Identificação e registo dos limites adequados associados aos indicadores;							
8. c)	Identificação e registo de fatores que possam causar variações na eficiência energética dos processos, sistemas e ou unidades relevantes							
4.2.2.5. Benchmarking								
9.	Proceder a comparações sistemáticas e regulares com <i>benchmarks</i> setoriais, nacionais ou regionais, sempre que existam dados validados.	A implementar					jan/22	
4.2.3. Integração da eficiência energética na fase de projeto (<i>Energy efficient design</i>)								
10.	Otimizar a eficiência energética em sede de planeamento de uma nova instalação, unidade ou sistema ou de uma alteração significativa dos mesmos, tomando em consideração todos os seguintes aspetos:	Sim	Materiais de construção aplicados					
10. a)	Integração da eficiência energética na fase de projeto (EED) deve ser iniciada logo nas primeiras etapas da fase de projeto conceptual/projeto de base, mesmo que os investimentos planeados possam não estar ainda bem definidos, e deverá ser tomada em consideração nos concursos realizados;							
10. b)	Desenvolvimento e/ou escolha de tecnologias energeticamente eficientes							
10. c)	Poderá ser necessário recolher dados adicionais, quer em sede de design do projeto, quer de forma independente de modo a complementar os dados existentes ou a preencher lacunas no conhecimento;							
10. d)	O trabalho EED deverá ser efetuado por um perito em questões energéticas;							
10. e)	O projeto inicial do consumo de energia deverá também verificar todas as áreas na organização do projeto que possam influenciar o futuro consumo de energia e otimizar a EED da futura instalação neste contexto. É o caso, por exemplo, do pessoal da instalação (existente) que possa ser responsável pela especificação dos parâmetros de projeto.							
4.2.4. Aumento da integração do processo								
11.	Otimizar a utilização de energia entre os diversos processos ou sistemas, na própria instalação ou com outras instalações	A implementar					jan/22	

4.2.5. Manter a dinâmica das iniciativas no domínio da eficiência energética								
12.	Manter a dinâmica do programa de eficiência energética através de diversas técnicas, como por exemplo:	A implementar					jan/22	
12. a)	Aplicação de um sistema específico de gestão da energia;							
12. b)	Contabilização do consumo de energia com base em valores reais (medidos), transferindo as obrigações e os benefícios da eficiência energética para o utilizador/pagador;							
12. c)	Criação de centros de lucro financeiro para a eficiência energética;							
12. d)	Benchmarking;							
12. e)	Renovar os sistemas de gestão existentes, através do recurso à excelência operacional;							
12. f)	Utilização de técnicas de gestão da mudança (também característica da excelência operacional).							
4.2.6. Preservação das competências								
13.	Preservar as competências em eficiência energética e em sistemas consumidores de energia através de técnicas como:	A implementar					jan/22	
13. a)	Recrutamento de pessoal especializado e/ou formação do pessoal. A formação poderá ser prestada por pessoal interno ou por especialistas externos, através de cursos formais ou de auto-formação/desenvolvimento pessoal;							
13. b)	Retirada periódica de pessoal da linha de produção, de forma a proceder a investigações específicas/por tempo determinado (na instalação de origem ou noutras instalações);							
13. c)	Partilha dos recursos internos da instalação entre as várias unidades;							
13. d)	Recurso a consultores qualificados para investigações por tempo determinado							
13. e)	Contratação externa de sistemas e/ou funções especializados.							
4.2.7. Controlo eficaz dos processos								
14.	Garantir um controlo eficaz dos processos através da aplicação de técnicas como:	A implementar	Registos Escritos				jan/22	
14. a)	A implementação de sistemas que assegurem que os procedimentos sejam conhecidos, entendidos e cumpridos.							
14. b)	Assegurar que os principais parâmetros de desempenho dos processos sejam identificados, otimizados em termos de eficiência energética e monitorizados							
14. c)	A documentação ou o registo esses parâmetros.							
4.2.8. Manutenção								
15.	Proceder à manutenção das instalações de modo a otimizar a sua eficiência energética, através de:	A implementar					jan/22	
15. a)	Atribuição clara das responsabilidades para o planeamento e execução da manutenção							
15. b)	Estabelecimento de um programa estruturado de manutenção, com base na descrição técnica dos equipamentos, normas, etc., bem como nas eventuais falhas dos equipamentos e respetivas consequências. Algumas atividades de manutenção poderão ser calendarizadas para os períodos de paragem da instalação;							
15. c)	Suporte do programa de manutenção através de sistemas de manutenção de registos e de testes de diagnóstico adequados;							
15. d)	Identificação, nas operações de manutenção de rotina, de avarias e/ou anomalias de funcionamento, de eventuais perdas de eficiência energética ou de situações em que a mesma possa ser melhorada;							
15. e)	Deteção de fugas, equipamentos avariados, rolamentos gastos, etc., que possam afetar ou controlar o consumo de energia e retificação tão rápida quanto possível dessas situações.							
4.2.9. Controlo e monitorização								
16.	Estabelecer e manter procedimentos documentados para controlo e monitorização regulares dos principais pontos característicos das operações e atividades que possam ter impacto significativo na eficiência energética.	A implementar					jan/22	
4.3. MTD PARA GARANTIR A EFICIÊNCIA ENERGÉTICA EM SISTEMAS, PROCESSO, ATIVIDADES OU EQUIPAMENTOS CONSUMIDORES DE ENERGIA								
4.3.1. Combustão								
17.	Otimização da eficiência energética da combustão através das seguintes técnicas:	A avaliar					jan/22	
17. a)	Cogeração;							
17. b)	Redução do caudal de gases de exaustão através da redução do excesso de ar;							
17. c)	Redução de temperatura dos gases de exaustão através de:							
17. c) i.	Dimensionamento para um máximo desempenho, tomando em ainda em consideração um fator de segurança calculado para sobrecargas;							
17. c) ii.	Aumento da transferência de calor para o processo através do aumento da taxa de transferência ou através de um aumento ou melhoria das superfícies de transferência;							
17. c) iii.	Recuperação de calor através da combinação de um processo adicional (eg., geração de vapor pelo uso de economizadores) para recuperar o calor residual dos gases de exaustão;							
17. c) iv.	Instalação de pré-aquecimento do ar ou água ou pré-aquecimento do combustível através da transferência de calor com os gases de exaustão;							
17. c) v.	Limpeza das superfícies de transferência de calor que ficam progressivamente cobertas por cinzas de forma a manter uma elevada eficiência de transferência de calor (operação geralmente realizada durante períodos de paragem para inspeção ou manutenção);							
17. d)	Pré-aquecimento do combustível gasoso por transferência de calor com os gases de exaustão. Pode ainda ser necessário o pré-aquecimento do ar nas situações em que o processo requer temperaturas de chama elevadas.							
17. e)	Pré-aquecimento do ar por transferência de calor com os gases de exaustão. Pode ser necessário o pré-aquecimento do ar nas situações em que o processo requer temperaturas de chama elevadas.							
17. f)	Optar pela utilização de combustíveis que otimizem a eficiência energética (eg., combustíveis não fósseis).							
4.3.2. Sistemas de Vapor								
18.	Otimizar a eficiência energética de sistemas de vapor através de utilização de técnicas como:	Não aplicável						Não se utiliza vapor
18. a)	Técnicas específicas para o setor de atividade de acordo com o previsto nos BREF verticais.							
18. b)	Técnicas previstas na Tabela 4.2. do BREF.							
4.3.3. Recuperação de Calor								
19.	Manter a eficiência dos permutadores de calor através de:	A implementar	Limpeza				jan/22	
19. a)	Monitorização periódica da sua eficiência, e;							
19. b)	Prevenção e remoção de incrustações							
4.3.4. Cogeração								
20.	Avaliar possíveis soluções de cogeração, dentro e ou fora da instalação (com outras instalações).	Não aplicável						Não se aplica
4.3.5. Fornecimento de energia elétrica								
21.	Aumentar a potência elétrica em conformidade com os requisitos do distribuidor local de energia elétrica utilizando, por exemplo, as seguintes técnicas em função da sua aplicabilidade:	Não aplicável						Não se aplica
21. a)	Instalar condensadores em circuitos AC para diminuir a magnitude do poder reativo;							
21. b)	Minimizar as operações com motores ao ralenti ou em regime de baixa carga;							
21. c)	Evitar a utilização de equipamento acima de sua potência nominal;							
21. d)	Aquando da substituição de motores, recorrer a motores energeticamente eficientes							
22.	Verificar o fornecimento de energia elétrica para procurar eventuais harmónicas e se necessário aplicar filtros.	Não aplicável						Não se aplica
23.	Otimizar a eficiência do fornecimento de energia elétrica aplicando, por exemplo, as técnicas seguintes em função da respetiva aplicabilidade:	Não aplicável						Não se aplica
23. a)	Assegurar que os cabos elétricos têm as dimensões corretas para a exigência energética;							
23. b)	Manter os transformadores a operar com a carga de 40-50% acima da potência nominal;							
23. c)	Utilizar transformadores de elevada eficiência/perdas reduzidas;							
23. d)	Localizar os equipamentos com elevadas exigências energéticas tão perto quanto possível da fonte de alimentação.							

4.3.6. Subistemas que utilizam motores elétricos								
24.	Otimizar os motores elétricos pela seguinte ordem:	Não aplicável						Não se aplica
24. a)	Otimizar todo o sistema no qual o(s) motor(es) está(ão) integrado(s) (eg. sistema de arrefecimento);							
24. b)	Otimizar o(s) motor(es) do sistema de acordo com os requisitos de carga definidos, aplicando uma ou mais das técnicas a seguir descritas e segundo os critérios previstos na Tabela 4.5 do BREF.							
Instalação ou remodelação do sistema								
24. b) i.	Uso de motores energeticamente eficientes (EEM).							
24. b) ii.	Dimensionamento adequado dos motores							
24. b) iii.	Instalação de sistemas de variação de velocidade (VSD)							
24. b) iv.	Instalação de transmissores/redutores de alta eficiência.							
24. b) v.	Uso de:							
24. b) v. 1.	Ligação direta, quando possível;							
24. b) v. 2.	Correias sincronizadoras ou cintos em V dentados em vez de cintos em V;							
24. b) v. 3.	Engrenagens helicoidais em vez de engrenagens de parafusos sem fim.							
24. b) vi.	Reparação de motores energeticamente eficientes (EEMR) ou substituição por um EEM.							
24. b) vii.	Evitar a rebobinagem e substituir por um EEM, ou utilizar uma rebobinagem contratada certificada.							
24. b) viii.	Controlo de qualidade da energia							
Operação e Manutenção								
24. v) ix	Aplicar lubrificação, ajustes e afinação.							
24. c)	Após optimização dos sistemas consumidores de energia, otimizar os restantes motores (ainda não otimizados) de acordo com o previsto na Tabela 4.5 e com os critérios definidos no BREF como, por exemplo:							
24. c) i.	Substituição prioritária por EEM dos restantes motores que estejam em funcionamento mais de 2 000 horas por ano;							
24. c) ii.	Relativamente aos motores elétricos com carga variável que funcionem menos de 50 % da capacidade durante mais de 20 % do seu tempo de funcionamento e que estejam em funcionamento mais de 2 000 horas por ano, ponderação da possibilidade de se utilizarem variadores de velocidade.							
4.3.7. Sistemas de ar comprimido								
25.	Otimizar os sistemas de ar comprimido utilizando, por exemplo, as seguintes técnicas:	Não aplicável						Não se aplica
Design, instalação e remodelação de sistemas								
25. a)	Design global do sistema, incluindo os sistemas de pressão múltipla							
25. b)	Upgrade dos compressores							
25. c)	Melhoria do sistema de arrefecimento, secagem e filtração							
25. d)	Redução e perdas de pressão por fricção							
25. e)	Melhoria dos motores (incluído os motores de alta eficiência)							
25. f)	Melhoria dos sistemas de controlo de velocidade							
25. g)	Utilização de sistemas de controlo sofisticados							
25. h)	Recuperação do calor residual para utilização noutras funções							
25. i)	Utilização do ar frio exterior para admissão no sistema							
25. j)	Armazenar o ar comprimido perto de sistemas de altamente flutuantes							
Operação e manutenção de sistemas								
25. k)	Otimizar determinados dispositivos de utilização final.							
25. l)	Reduzir as fugas de ar							
25. m)	Aumentar a frequência de substituição dos filtros							
25. n)	Otimizar a pressão de trabalho.							
4.3.8. Sistemas de bombagem								
26.	Otimizar os sistemas de bombagem recorrendo às seguintes técnicas em função da sua aplicabilidade (vide Tabela 4.7 do BREF):	Não aplicável						Não se aplica
Projeto								
26. a)	Evitar o sobredimensionamento na seleção das bombas e substituir as bombas sobredimensionadas;							
26. b)	Seleção adequada da bomba de acordo com o motor utilizado e a respetiva aplicação.							
26. c)	Seleção adequada do sistema de tubagem (de acordo com a distribuição prevista)							
Controlo e Manutenção								
26. d)	Sistema de controlo e regulação							
26. e)	Desligar as bombas não utilizadas							
26. f)	Utilização de transmissões de velocidade variável (VSD)							
26. g)	Utilização de bombas múltiplas (de fase cortada)							
26. h)	Manutenção regular							
Sistema de distribuição								
26. i)	Minimizar o número de válvulas e desvios de modo a facilitar a sua operação e manutenção							
26. j)	Evitar a utilização de desvios em excesso, especialmente curvas apertadas.							
26. k)	Garantir que o diâmetro da tubagem não é demasiado pequeno.							
4.3.9. Sistemas AVAC (aquecimento, ventilação e ar condicionado)								
27.	Otimizar os sistemas AVAC utilizando, por exemplo, as seguintes técnicas:	Não aplicável						Não se aplica
27. a)	para ventilação, aquecimento e arrefecimento, vide Tabela 4.8. do BREF;							
27. b)	para aquecimento, vide BREF,							
27. c)	para bombagem, vide BREF,							
27. d)	para arrefecimento, refrigeração e permutadores de calor, vide BREF/ICS							
Projeto e controlo								
27. e)	Projeto global do sistema AVAC, identificando e equipando separadamente as seguintes áreas: ventilação geral, ventilação específica e ventilação do processo.							
27. f)	Otimizar o número, forma e tamanho das entradas no sistema							
27. g)	Utilizar ventiladores de alta eficiência, projetados para operarem a uma taxa otimizada							
27. h)	Gestão dos fluxos de ar, considerando a ventilação de fluxo duplo.							
27. i)	Design do sistema de ar, assegurando: que as condutas têm tamanho suficiente; utilização de condutas circulares, evitar os caminhos longos e obstáculos (ligações e secções estreitas)							
27. j)	Otimização dos motores elétricos, considerando a instalação de VSD (transmissões de velocidade variável)							
27. k)	Utilização de sistemas de controlo automáticos e integrados no sistema centralizado de gestão técnica							
27. l)	Integração de filtros dentro do sistema de condutas e recuperação do calor do ar de exaustão (permutadores de calor)							
27. m)	Redução das necessidades de aquecimento/arrefecimento							
27. n)	Melhoria da eficiência dos sistemas de aquecimento							
27. o)	Melhoria da eficiência dos sistemas de arrefecimento							
Manutenção								
27. p)	Parar ou reduzir a ventilação, sempre que possível							
27. q)	Assegurar que o sistema não tem perdas de ar, e verificar as juntas.							
27. r)	Verificar o equilíbrio do sistema							
27. s)	Geri-r e otimizar o fluxo de ar							
27. t)	Otimizar a filtração de ar através de reciclagem eficiente, evitar as perdas de pressão, limpeza e substituição regular dos filtros, limpeza regular do sistema.							

4.3.10. Iluminação								
28.	Otimizar a iluminação artificial utilizando, por exemplo, as seguintes técnicas em função da sua aplicabilidade (vide Tabela 4.9):	Sim	Programadores				jan/22	
Análise e projeto das necessidades de iluminação								
28. a)	Identificação das necessidades de iluminação.							
28. b)	Planeamento do espaço e das atividades de modo a otimizar a utilização de luz natural.							
28. c)	Seleção das lâmpadas e luminárias de acordo com os requisitos da sua aplicação.							
Operação, controlo e manutenção								
28. d)	Utilização de um sistema de controlo da iluminação, incluindo os sensores de presença e temporizadores.							
28. e)	Formação dos trabalhadores de forma a utilizarem a iluminação da forma mais eficiente.							
4.3.11. Processos de secagem, concentração e separação								
29.	Otimização os processos de secagem, separação e concentração utilizando, por exemplo, as seguintes técnicas em função da sua aplicabilidade (vide Tabela 4.10) e procurar possibilidades de utilização de separação mecânica conjuntamente com processos térmicos:	Não aplicável						Não se aplica
Design								
29. a)	Seleção de tecnologia de separação mais apropriada ou utilização de uma combinação de técnicas (abaixo) que vão ao encontro dos equipamentos específicos de processo							
Operação								
29. b)	Utilização do excesso de calor proveniente de outros processos.							
29. c)	Utilização de uma combinação de técnicas.							
29. d)	Utilização de processos mecânicos, por exemplo filtração, filtração de membrana.							
29. e)	Utilização de processos térmicos, por exemplo secadores de aquecimento direto, indireto ou de efeito múltiplo							
29. f)	Secagem direta							
29. g)	Utilização de vapor sobreaquecido							
29. h)	Recuperação de calor (incluindo MVR e bombas de calor)							
29. i)	Otimização do isolamento do sistema de secagem							
29. j)	Utilização de processos por radiação, por exemplo infravermelhos, alta-frequência ou microondas							
Controlo								
29. k)	Automatização dos processos térmicos de secagem							

							
ANEXO – MELHORES TÉCNICAS DISPONÍVEIS							
BREF - Emissões resultantes do armazenamento (EFS) Data de adoção: 07/2006 Versão: 06.10.2017							
n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD	Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação ou Motivo da não aplicabilidade ou Descrição da técnica alternativa implementada	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano)
5.1. ARMAZENAMENTO DE LÍQUIDOS E GASES LIQUEFEITOS							
5.1.1. Reservatórios							
5.1.1.1. Princípios gerais para prevenir e reduzir emissões							
<u>Design dos Reservatórios</u>							
5.1.1.1 A.	No <i>design</i> dos reservatórios tomar em consideração, pelo menos:						
A. i)	as propriedades físico-químicas da substância a armazenar;	Não aplicável	Reservatórios adquiridos e com certificação				jan/22
A. ii)	de que forma a armazenagem é realizada, o nível de instrumentação necessária, quantos operadores são necessários e a respetiva carga de trabalho;	Não aplicável	Reservatórios adquiridos e com certificação				jan/22
A. iii)	a forma como os operadores são informados sobre desvios às condições normais de processo (alarmes);	Não aplicável	Reservatórios adquiridos e com certificação				jan/22
A. iv)	a forma como o armazenamento é protegido de desvios às condições normais de processo (instruções de segurança, sistemas de interligação, dispositivos de descompressão, deteção e contenção de fugas, etc.);	Não aplicável	Reservatórios adquiridos e com certificação				jan/22
A. v)	o tipo de equipamento a ser instalado, tendo em particular consideração o histórico do produto (materiais de construção, qualidade de válvulas, etc.);	Não aplicável	Reservatórios adquiridos e com certificação				jan/22
A. vi)	o plano de manutenção e inspeção a ser implementado e de que forma pode ser facilitado o trabalho de manutenção e inspeção (acesso, layour , etc.);	Não aplicável	Reservatórios adquiridos e com certificação				jan/22
A. vii)	a forma de lidar com situações de emergência (distâncias a outros tanques, instalações e zonas limite, proteção contra incêndios, acesso a serviços de emergência (eg. bombeiros), etc.);	Não aplicável	Reservatórios adquiridos e com certificação				jan/22
<u>Inspeção e Manutenção</u>							
5.1.1.1 B.	Implementar uma metodologia para definir planos de manutenção preventiva e para desenvolver planos de inspeção baseados na possibilidade de risco, como por exemplo a abordagem de manutenção baseada no risco e fiabilidade.	A implementar	Procedimento escrito				jan/22
<u>Localização e Layout</u>							
5.1.1.1 C.	Instalar à superfície os reservatórios que operam aproximadamente ou à pressão atmosférica. No entanto, para o armazenamento de líquidos inflamáveis numa instalação com restrição de espaço, os tanques subterrâneos também podem ser considerados. No caso de gases liquefeitos, pode ser considerada, eg. a armazenagem subterrânea, "mounded storage" ou esferas, dependendo do volume de armazenamento.	A implementar					jan/22
<u>Cor do reservatório</u>							
5.1.1.1 D.	Aplicar ao reservatório uma cor com uma refletividade à radiação térmica ou luminosa de pelo menos 70 %, ou uma proteção solar em reservatórios superficiais que contenham substâncias voláteis.	Não aplicável	Reservatórios adquiridos e com certificação				jan/22
<u>Princípio da minimização de emissões no armazenamento em reservatórios</u>							
5.1.1.1 E.	Minimizar as emissões associadas a atividades de armazenamento em reservatórios, transferência e manuseamento que tenham um efeito negativo significativo no ambiente.	Não aplicável					
<u>Monitorização de COV</u>							
5.1.1.1 F.	Em instalações onde sejam expectáveis emissões significativas de COV proceder, de forma regular, ao cálculo das emissões de COV. O modelo de cálculo poderá carecer de validação por aplicação de métodos de medição.	Não aplicável					
<u>Sistemas dedicados</u>							
5.1.1.1 G.	Utilizar sistemas dedicados.	Não aplicável	Não existem sistemas dedicados				
5.1.1.2. Considerações específicas dos reservatórios							
<u>Reservatórios abertos</u>							
5.1.1.2 A.	Se ocorrerem emissões para o ar, cobrir o reservatório com:	Não aplicável	Não existem reservatórios descobertos / abertos				
A. i)	cobertura flutuante;						
A. ii)	cobertura flexível ou de tenda;						
A. iii)	cobertura rígida						
5.1.1.2 B.	Para prevenir a acumulação de depósito que possa vir a exigir um passo de limpeza adicional, proceder à agitação da substância armazenada (eg. lamas).	Não aplicável	Não existem reservatórios descobertos / abertos				
<u>Reservatórios de teto exterior flutuante</u>							
5.1.1.2 C.	Aplicar tetos flutuantes de contacto direto (dupla cobertura), embora também possam ser usados sistemas existentes de tetos flutuantes sem contacto	Não aplicável	Não existem				
5.1.1.2 D.	Aplicar medidas adicionais para reduzir as emissões de acordo com o descrito no BREF.	Não aplicável	Não existem				
5.1.1.2 E.	Aplicar uma cobertura nas situações de condições climáticas adversas (eg. ventos fortes, chuva ou queda de neve).	Não aplicável	Não existem				
5.1.1.2 F.	No caso de armazenamento de líquidos contendo elevadas quantidades de partículas, proceder à agitação da substância armazenada de forma a prevenir a criação de um depósito que possa vir a exigir um passo de limpeza adicional.	Não aplicável	Não existem				
<u>Reservatórios de teto fixo</u>							
5.1.1.2 G.	Para o armazenamento de substâncias voláteis tóxicas (T), muito tóxicas (T+) ou carcinogénicas, mutagénicas e tóxicas à reprodução (CMR) categorias 1 e 2 em reservatórios de teto fixo, aplicar um sistema de tratamento de vapores.	Não aplicável	Não existem				
5.1.1.2 H.	Para outras substâncias, aplicar sistemas de tratamento de vapores ou instalar tetos flutuantes internos. Usar tetos flutuantes de contacto direto e sem contacto.	Não aplicável	Não existem				
5.1.1.2 I.	Para reservatórios < 50 m², aplicar um sistema de válvulas de alívio de pressão definido para o valor mais elevado possível consistente com os critérios de <i>design</i> do tanque.	Não aplicável	Não existem				
5.1.1.2 J.	Para armazenagem de líquidos com níveis elevados de partículas (p.ex. crude) promover a mistura da substância para prevenir a deposição, ver secção 4.1.5.1.	Não aplicável	Não existem				
<u>Reservatórios atmosféricos horizontais</u>							
5.1.1.2 K.	Para o armazenamento de substâncias voláteis tóxicas (T), muito tóxicas (T+) ou carcinogénicas, mutagénicas e tóxicas à reprodução (CMR) categorias 1 e 2 em reservatórios atmosféricos horizontais, aplicar um sistema de tratamento de vapores.	Não aplicável	Não existem				
5.1.1.2 L.	Para outras substâncias, aplicar todas ou uma combinação das seguintes técnicas, dependendo das substâncias armazenadas:	Não aplicável	Não existem				
L. i)	aplicar válvulas de alívio de pressão em vácuo						
L. ii)	aumentar a taxa de pressão para 56 mbar						
L. iii)	aplicar um equilíbrio de vapor						
L. iv)	aplicar um tanque de contenção de vapor						
L. v)	aplicar um sistema de tratamento de vapor						

							
ANEXO – MELHORES TÉCNICAS DISPONÍVEIS							
BREF - Emissões resultantes do armazenamento (EFS) Data de adoção: 07/2006 Versão: 06.10.2017							
n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD	Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação ou Motivo da não aplicabilidade ou Descrição da técnica alternativa implementada	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano)
Reservatórios pressurizados							
5.1.1.2 M.	O sistema de drenagem é dependente do tipo de reservatório utilizado podendo, no entanto, ser instalado um sistema de drenagem fechado ligado a um sistema de tratamento de vapores	Não aplicável	Não existem				
Tanques de teto elevatório							
5.1.1.2 M.	Para emissões para o ar, proceder a:						
M. i)	aplicação de um tanque de diafragma flexível equipado com válvulas de alívio de pressão/vácuo; ou						
N. ii)	aplicação de um tanque elevatório equipado com válvulas de alívio de pressão/vácuo e ligado a um sistema de tratamento de vapores.						
Tanques subterrâneos e "mounded tanks"							
5.1.1.2 O.	Para o armazenamento de substâncias voláteis tóxicas (T), muito tóxicas (T+) ou carcinogénicas, mutagénicas e tóxicas à reprodução (CMR) categorias 1 e 2 em reservatórios subterrâneos ou "mounded tanks", aplicar um sistema de tratamento de vapores.						
5.1.1.2 P.	Para outras substâncias, aplicar todas ou uma combinação das seguintes técnicas , dependendo das substâncias armazenadas:						
P. i)	aplicar válvulas de alívio de pressão em vácuo						
P. ii)	aplicar um equilíbrio de vapor						
P. iii)	aplicar um tanque de contenção de vapor						
P. iv)	aplicar um sistema de tratamento de vapor						
5.1.1.3. Prevenção de incidentes e acidentes (graves)							
Gestão da segurança e do risco							
5.1.1.3 A.	Para prevenir incidentes e acidentes, aplicar um sistema de gestão de segurança de acordo com o descrito no BREF.	A implementar	Procedimento escrito				jan/22
Procedimentos operacionais e formação							
5.1.1.3 B.	Implementar e seguir as medidas de organização adequadas e garantir a formação e instrução de funcionários para a realização das operações na instalação de forma segura e responsável	A implementar	Procedimento escrito				jan/22
Fugas devidas a corrosão e/ou erosão							
5.1.1.3 C.	Evitar a corrosão através de:						
C. i)	seleção de material de construção resistente ao produto armazenado;	A implementar	Aquisição selectiva				jan/22
C. ii)	aplicação de métodos de construção adequados	Não aplicável	Não existem				
C. iii)	prevenção da entrada da água das chuvas ou águas subterrâneas no reservatório e, se necessário, remoção da água que ficou acumulada;						
C. iv)	encaminhamento das águas pluviais para um coletor de drenagem						
C. v)	realização de manutenção preventiva;	A implementar	Procedimento escrito				jan/22
C. vi)	Onde aplicável, adição de inibidores de corrosão ou aplicação de proteção catódica no interior do tanque	Não aplicável	Não existem				
C. vii)	Para tanques subterrâneos, aplicar no exterior do tanque:						
C. vii) a.	revestimento resistente à corrosão						
C. vii) b.	galvanização, e ou						
C. vii) c.	um sistema de proteção catódica						
C. viii)	Prevenir fissuras por tensão à corrosão (SCC) através de:						
C. viii) a.	alívio de tensões por tratamento térmico após soldagem						
C. viii) b.	realização de inspeções baseadas no risco.						
Procedimentos operacionais e instrumentação para prevenir sobreenchimento							
5.1.1.3 D.	Implementar e manter procedimentos operacionais, eg. por meio de um sistema de gestão, de forma a garantir:	Não aplicável	Não existem plano de gestão				
D. i)	a implementação de sistemas de alarme e/ou de válvulas de fecho automático em instrumentação para controlo de nível ou de pressão						
D. ii)	procedimentos operacionais adequados para prevenir o sobreenchimento durante as operações de enchimento de reservatórios						
D. iii)	a existência de escoamento adequado para o lote de enchimento a receber						
Instrumentação e automação para deteção de fugas							
5.1.1.3 E.	Instalar um sistema de deteção de fugas em reservatórios que contenham líquidos que representem potencial fonte de contaminação do solo. A aplicabilidade das diferentes técnicas depende do tipo de reservatório	Não aplicável	Não existem				
Análise de risco para emissões para o solo (na base dos reservatórios)							
5.1.1.3 F.	Atinger um "nível de risco negligenciável" da contaminação do solo a partir das tubagens de fundo ou das paredes inferiores dos reservatórios de armazenagem superficiais.	A implementar	Inspeção de rotina				
Proteção do solo na envolvente dos reservatórios (contenção)							
5.1.1.3 G.	Para reservatórios superficiais que contenham líquidos inflamáveis ou líquidos que apresentem risco de contaminação significativa do solo ou de contaminação significativa das linhas de água adjacentes, implementar um sistema de contenção secundária (eg. bacias de retenção em reservatórios de parede simples "cup-tanks", reservatórios de parede dupla com controlo da descarga de fundo)	Não aplicável	Não existem				
5.1.1.3 H.	Para novos tanques de parede simples que contenham líquidos com potencial risco de contaminação significativa do solo ou de contaminação significativa das linhas de água adjacentes, implementar uma parede de contenção total e impermeável						
5.1.1.3 I.	Para tanques existentes com sistema de contenção, realizar uma análise de risco considerando o grau de risco de derrame para o solo de forma a determinar a necessidade ou o tipo de parede de contenção a implementar.						
5.1.1.3 J.	Para solventes de hidrocarbonetos clorados (CHC) armazenados em reservatórios de parede simples, aplicar laminados à base de resinas fenólicas e de furano nas paredes de betão (e sistemas de contenção).						
5.1.1.3 K.	No caso de reservatórios subterrâneos e "mounded tanks " contendo produtos com potencial risco de contaminação do solo proceder a:						
K. a)	aplicação de parede dupla com sistema de deteção de fugas, ou;						
K. b)	aplicação de parede simples com sistemas de contenção secundária e de deteção de fugas.						
Áreas inflamáveis e fontes de ignição							
5.1.1.3 L.	Ver Directiva 1999/92 / CE da ATEX.	Não aplicável	Não existem				
Proteção contra incêndios							
5.1.1.3 M.	Avaliar, caso a caso, a necessidade de implementar medidas de proteção contra incêndios que considerem:	Não aplicável	Não existem				
M. i)	Coberturas ou revestimentos resistentes ao fogo						

							
ANEXO – MELHORES TÉCNICAS DISPONÍVEIS							
BREF - Emissões resultantes do armazenamento (EFS) Data de adoção: 07/2006 Versão: 06.10.2017							
n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD	Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação ou Motivo da não aplicabilidade ou Descrição da técnica alternativa implementada	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano)
M. ii)	paredes corta-fogo (apenas para tanques menores) e/ou						
M. iii)	sistemas de arrefecimento de água.						



n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD		Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação ou Motivo da não aplicabilidade ou Descrição da técnica alternativa implementada	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano)
<u>Equipamento de combate a incêndios</u>								
5.1.1.3 N.	A necessidade de implementar o equipamento de combate a incêndios e a decisão sobre qual equipamento deve ser aplicado devem ser avaliadas caso a caso, em articulação com os bombeiros locais.		Não aplicável	Não existem				
<u>Contenção de agentes extintores contaminados</u>								
5.1.1.3 O.	No caso das substâncias tóxicas, carcinogénicas ou outras substâncias perigosas, aplicar um sistema de contenção total.		Não existem	Não existem				
5.1.2. Armazenamento de substâncias perigosas embaladas								
<u>Gestão da segurança e do risco</u>								
5.1.2 A.	Implementar um sistema de gestão de segurança de acordo com o descrito no BREF.		Não aplicável	Não existem				
5.1.2 B.	Avaliar os riscos de acidentes e incidentes no local de armazenamento de acordo com os passos descritos no BREF.		Não aplicável	Não existem				
<u>Formação e responsabilidade</u>								
5.1.2 C.	Identificar a(s) pessoa(s) responsável(eis) pelas operações de armazenagem.		Não aplicável	Não existem				
5.1.2 D.	Ministrar formação e treino específico em procedimentos de emergência à(s) pessoa(s) responsável(eis) pelas operações de armazenagem e informar os restantes trabalhadores sobre os riscos de armazenagem de substâncias perigosas e precauções necessárias para o armazenamento em segurança de substâncias de perigosidades distintas.		Não aplicável	Não existem				
<u>Área de armazenagem</u>								
5.1.2 E.	Utilizar armazéns interiores/exteriores cobertos.		Não aplicável	Não existem				
5.1.2 F.	Para quantidades de armazenagem inferiores a 2500 l ou kg de substâncias perigosas, implementar células de armazenamento.		Não aplicável	Não existem				
<u>Separação e segregação</u>								
5.1.2. G	Isolar a área ou o edifício de armazenamento de substâncias perigosas embaladas de outras áreas de armazenamento, de fontes de ignição e de outros edifícios, dentro ou fora da instalação, assegurando uma distância suficiente, se necessário com implementação de paredes corta-fogo.		Não aplicável	Não existem				
5.1.2 H.	Separar e/ou segregar substâncias incompatíveis.		Não aplicável	Não existem				
<u>Contenção de derrames e de agentes extintores contaminados</u>								
5.1.2 I.	Instalar um bacia estanque que garanta a contenção da totalidade ou parte dos líquidos perigosos nela armazenados.		Não aplicável	Não existem				
5.1.2 J.	Instalar um sistema estanque de contenção de agentes extintores nos edifícios e áreas de armazenagem de acordo com o previsto no BREF.		Não aplicável	Não existem				
<u>Equipamentos de combate a incêndios</u>								
5.1.2 K.	Aplicar um nível de proteção adequado das medidas de prevenção e de combate a incêndios de acordo com o previsto no BREF.		Não aplicável	Não existem				
<u>Prevenção da ignição</u>								
5.1.2 L.	Prevenir a ignição na fonte de acordo com o previsto no BREF		Não aplicável	Não existem				
5.1.3. Bacias e lagoas								
5.1.3 A.	Nas situações normais de operações em que as emissões para o ar sejam significantes, cobrir as bacias e lagoas usando uma das seguintes opções:		Não aplicável	Não existem				
A. i)	cobertura de plástico							
A. ii)	cobertura flutuante, ou							
A. iii)	cobertura rígida, apenas para pequenas bacias.							
5.1.3 B.	De modo a evitar o transbordo por ação das chuvas em situações em que a bacia ou a lagoa não se encontra coberta, garantir um bordo livre suficiente		Não aplicável	Não existem				
5.1.3 C.	Nas situações de armazenamento de substâncias em bacias ou lagoas onde exista risco de contaminação do solo, aplicar uma barreira impermeável.		Não aplicável	Não existem				
5.1.4 Cavernas atmosféricas								
<u>Emissões para o ar resultantes do funcionamento normal</u>								
5.1.4 A.	No caso de cavernas com um leito de água fixo para o armazenamento de hidrocarbonetos líquidos, aplicar equilíbrio de vapores.		Não aplicável	Não existem				
<u>Emissões de incidentes e acidentes (graves)</u>								
5.1.4 B.	Para armazenar grandes quantidades de hidrocarbonetos, recorrer ao uso de cavernas sempre que a geologia do local seja adequada.		Não aplicável	Não existem				
5.1.4 C.	Aplicar um sistema de gestão de segurança para prevenção de acidentes e incidentes.		Não aplicável	Não existem				
5.1.4 D.	Aplicar e avaliar de forma regular um programa de monitorização que inclua, pelo menos, o seguinte:		Não aplicável	Não existem				
D. i)	monitorização do padrão de fluxo hidráulico em torno das cavernas por meio de medições de águas subterrâneas, piezómetros e/ou células de pressão, medição da altura de água de infiltração							
D. ii)	avaliação da estabilidade da caverna por monitorização sísmica;							
D. iii)	procedimentos de acompanhamento da qualidade da água por amostragem e análise regulares							
D. iv)	monitorização de corrosão, incluindo avaliação periódica do revestimento.							
5.1.4 E.	Para evitar a fuga do produto armazenado da caverna, conceder a caverna de tal forma que, na profundidade a que está situada, a pressão hidrostática das águas subterrâneas que rodeiam a caverna seja sempre superior à do produto armazenado.		Não aplicável	Não existem				
5.1.4 F.	Para evitar a entrada de águas de infiltração na caverna, para além de um <i>design</i> adequado, aplicar adicionalmente injeção de cimento		Não aplicável	Não existem				
5.1.4 G.	Se a água de infiltração que entra na caverna for bombeada para o exterior, aplicar o tratamento de águas residuais previamente à descarga		Não aplicável	Não existem				
5.1.4 H.	Aplicar proteção automática contra o transbordo		Não aplicável	Não existem				
5.1.5. Cavernas pressurizadas								

							
ANEXO – MELHORES TÉCNICAS DISPONÍVEIS							
BREF - Emissões resultantes do armazenamento (EFS) Data de adoção: 07/2006 Versão: 06.10.2017							
n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD	Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação ou Motivo da não aplicabilidade ou Descrição da técnica alternativa implementada	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano)
Emissões de incidentes e acidentes (graves)							
5.1.5 A.	Para armazenar grandes quantidades de hidrocarbonetos, recorrer ao uso cavernas sempre que a geologia do local seja adequada.	Não aplicável	Não existem				
5.1.5 B.	Aplicar um sistema de gestão de segurança para prevenção de acidentes e incidentes.	Não aplicável	Não existem				
5.1.5 C.	Aplicar e avaliar de forma regular um programa de monitorização que inclua, pelo menos, o seguinte:	Não aplicável	Não existem				
C. i)	monitorização do padrão de fluxo hidráulico em torno das cavernas por meio de medições de águas subterrâneas, piezómetros e/ou células de pressão, medição da altura de água de infiltração						
C. ii)	avaliação da estabilidade da caverna por monitorização sísmica;						
C. iii)	procedimentos de acompanhamento da qualidade da água por amostragem e análise regulares						
C. iv)	monitorização de corrosão, incluindo avaliação periódica do revestimento.						
5.1.5 D.	Para evitar a fuga do produto armazenado da caverna, conceber a caverna de tal forma que, na profundidade a que está situada, a pressão hidrostática das águas subterrâneas que rodeiam a caverna seja sempre superior à do produto armazenado.	Não aplicável	Não existem				
5.1.5 E.	Para evitar a entrada de águas de infiltração na caverna, para além de um <i>design</i> adequado, aplicar adicionalmente injeção de cimento	Não aplicável	Não existem				
5.1.5 F.	Se a água de infiltração que entra na caverna for bombeada para o exterior, aplicar o tratamento de águas residuais previamente à descarga	Não aplicável	Não existem				
5.1.5 G.	Aplicar proteção automática contra o transbordo	Não aplicável	Não existem				
5.1.5 H.	Aplicar válvulas de segurança para situações de emergência à superfície	Não aplicável	Não existem				
5.1.6. Cavernas escavadas por dissolução de maciços salinos							
Emissões de incidentes e acidentes (graves)							
5.1.6 A.	Para armazenar grandes quantidades de hidrocarbonetos, recorrer ao uso cavernas sempre que a geologia do local seja adequada.	Não aplicável	Não existem				
5.1.6 B.	Aplicar um sistema de gestão de segurança para prevenção de acidentes e incidentes.	Não aplicável	Não existem				
5.1.6 C.	Aplicar e avaliar de forma regular um programa de monitorização que inclua, pelo menos, o seguinte:	Não aplicável	Não existem				
C. i)	avaliação da estabilidade da caverna por monitorização sísmica;						
C. ii)	monitorização da corrosão, incluindo avaliação periódica do revestimento;						
C. iii)	realização de avaliações regulares de sonar para monitorizar eventuais variações de forma, e em particular se for utilizada salmoura não saturada.						
5.1.6 D.	Pequenos vestígios de hidrocarbonetos podem estar presentes na interface salmoura/hidrocarboneto devido ao enchimento e vazamento das cavernas. Nestas situações, separar os hidrocarbonetos na unidade de tratamento de salmoura, proceder à sua recolha e eliminação com segurança.	Não aplicável	Não existem				
5.1.7. Armazenamento flutuante							
5.1.7 A.	O armazenamento flutuante não é MTD						
5.2. TRANSFERÊNCIA E MANUSEAMENTO DE LÍQUIDOS E GASES LIQUEFEITOS							
5.2.1. Princípios gerais para prevenção e redução de emissões							
Inspeção e manutenção							
5.2.1 A.	Implementar uma ferramenta para definir planos de manutenção proativos e desenvolver planos de inspeção baseados na possibilidade de risco, como por exemplo a abordagem de manutenção baseada no risco e fiabilidade	Não aplicável	Não existem				
Programas de deteção e reparação de fugas							
5.2.1 B.	Para grandes unidades de armazenamento, e em função dos produtos armazenados, implementar um plano de reparação de deteção e reparação de fugas com especial foco nas situações mais suscetíveis de causar emissões	Sim	Procedimento escrito				
Princípio da minimização de emissões no armazenamento em reservatórios							
5.2.1 C.	Minimizar as emissões associadas a atividades de armazenamento em reservatórios, transferência e manuseamento que tenham um efeito negativo significativo no ambiente.	Não aplicável	Não existem				
Gestão da segurança e do risco							
5.2.1 D.	Implementar um sistema de gestão de segurança de acordo com o descrito no BREF.	Não aplicável	Não existem				
Procedimentos operacionais e formação							
5.2.1 E.	Implementar e seguir as medidas de organização adequadas e garantir a formação e instrução de funcionários para a realização das operações na instalação de forma segura e responsável	Não aplicável	Não existem				
5.2.2. Considerações sobre técnicas de transferência e manuseamento							
5.2.2.1. Tubagem							
5.2.2.1 A.	Para novas situações, aplicar tubagens fechadas acima do solo. Para tubagens subterrâneas existentes, aplicar uma abordagem de manutenção baseada no risco e fiabilidade de acordo com o previsto no BREF.	A implementar	Seleção de equipamento				jan/22
5.2.2.1 B.	Minimizar o número de flanges, recorrendo a conexões soldadas e tendo em consideração as limitações dos requisitos operacionais para manutenção dos equipamentos ou flexibilidade do sistema de transferência.	Não aplicável	Não existem				
5.2.2.1 C.	Para conexões de flanges aparafusadas, considerar:	Não aplicável	Não existem				
C. i)	encaixar flanges cegas em conexões pouco usadas para evitar a abertura acidental						
C. ii)	usar tampas ou tampões nas extremidades de condutas abertas em vez de válvulas						
C. iii)	garantir que as juntas selecionadas são adequadas ao processo em causa						
C. iv)	garantir que a junta está instalada corretamente;						
C. v)	garantir que a junta de flange seja montada e carregada corretamente;						
C. vi)	no caso de transferências de substâncias tóxicas, carcinogénicas ou outras substâncias perigosas, implementar juntas de alta integridade.						
5.2.2.1 D.	A corrosão interna pode ser causada pela natureza corrosiva do produto a ser transferido. Para prevenir a corrosão:	Não aplicável	Não existem				
D. i)	selecionar materiais de construção resistentes ao produto;						
D. ii)	aplicar métodos de construção adequados;						

							
ANEXO – MELHORES TÉCNICAS DISPONÍVEIS							
BREF - Emissões resultantes do armazenamento (EFS) Data de adoção: 07/2006 Versão: 06.10.2017							
n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD	Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação ou Motivo da não aplicabilidade ou Descrição da técnica alternativa implementada	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano)
D. iii)	aplicar manutenção preventiva, e;						
D. iv)	onde aplicável, aplicar um revestimento interno ou adicionar inibidores de corrosão.						

							
ANEXO – MELHORES TÉCNICAS DISPONÍVEIS							
BREF - Emissões resultantes do armazenamento (EFS) Data de adoção: 07/2006 Versão: 06.10.2017							
n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD	Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação ou Motivo da não aplicabilidade ou Descrição da técnica alternativa implementada	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano)
5.2.2.1 E.	Para evitar a corrosão externa da tubagem, aplicar um sistema de revestimento de uma, duas ou três camadas dependendo das condições específicas do local (eg. perto do mar). O revestimento não é normalmente aplicado a tubagens de plástico ou de aço inoxidável.	Não aplicável	Não existem				
5.2.2.2. Tratamento de vapores							
5.2.2.2 A.	Aplicar o tratamento ou equilíbrio de vapores nas emissões significativas da carga e descarga de substâncias voláteis para (ou de) camiões, barcos e navios. A relevância das emissões depende da substância e do volume emitido e deve ser avaliada caso a caso.	Não aplicável	Não existem				
5.2.2.3. Válvulas							
5.2.2.3 A.	Para as válvulas considerar:						
A. i)	a seleção correta do material de embalagem e construção para aplicação no processo em causa						
A. ii)	identificação das válvulas de maior risco, através de monitorização						
A. iii)	aplicação de válvulas de controlo rotativas ou bombas de velocidade variável						
A. iv)	utilização de válvulas de diafragma, fole ou de parede dupla nas situações em que estão envolvidas de substâncias tóxicas, carcinogénicas ou outras substâncias perigosas						
A. v)	direcionar as válvulas de escape para o sistema de transferência ou armazenamento ou para um sistema de tratamento de vapores						
5.2.2.4. Bombas e Compressores							
Instalação e manutenção de bombas e compressores							
5.2.2.4 A.	O projeto, instalação e operação de bombas ou do compressores influenciam consideravelmente o potencial de vida e a fiabilidade do sistema vedante, devendo ser considerados os seguintes fatores:	Não aplicável	Não existem				
A. i)	fixação adequada da bomba ou unidade de compressão à sua placa de base ou estrutura;						
A. ii)	aplicação de tensões de ligação entre tubagens de acordo com as especificações dos produtores;						
A. iii)	design adequado das tubagens de sucção para minimizar variações hidráulicas;						
A. iv)	alinhamento do eixo e da cápsula de acordo com as recomendações dos produtores						
A. v)	aquando da montagem, proceder ao alinhamento e acoplamento da bomba/compressor de acordo com as recomendações dos produtores						
A. vi)	nivelar corretamente as peças rotativas;						
A. vii)	acionar corretament as bombas e compressores antes do seu funcionamento						
A. viii)	operar a bomba e compressor dentro do nível de desempenho recomendado pelos produtores						
A. ix)	o valor do NPSH (net positive suction head) disponível deve sempre exceder o valor requerido pelo fabricante da bomba ou compressor;						
A. x)	aplicar controlo e manutenção regulares de equipamentos rotativos e sistemas de vedação, combinados com um programa de reparação ou substituição.						
Sistema de vedação em bombas							
5.2.2.4 B.	Selecionar corretamente os tipos de bomba e selagem aplicáveis ao processo, e preferencialmente bombas tecnologicamente concebidas para serem estanques (vide BREF).	Não aplicável	Não existem				
Sistemas de vedação em compressores							
5.2.2.4 C.	Para compressores que transferem gases não tóxicos, aplicar vedantes mecânicos lubrificados a gás	Não aplicável	Não existem				
5.2.2.4 D.	Para compressores que transferem gases tóxicos, aplicar vedantes duplos com barreira de líquido ou gás e purgar o lado do processo do vedante de contenção com um gás tampão inerte.	Não aplicável	Não existem				
5.2.2.4 E.	Para serviços de alta pressão, aplicar um sistema vedante triplo em série.	Não aplicável	Não existem				
5.2.2.5 Conexões para amostragem							
5.2.2.5 A.	Para pontos de amostragem de produtos voláteis, aplicar uma válvula de amostragem de aperto ou válvula de agulha e válvula de bloqueio. Quando as linhas de amostragem exigirem purga, aplicar linhas de amostragem em circuito fechado.						
5.3. ARMAZENAMENTO DE MATERIAIS SÓLIDOS							
5.3.1. Armazenamento aberto							
5.3.1 A.	Aplicar armazenamento fechado utilizando medidas primárias (eg. silos, bunkers, funis de enchimento e contentores) para eliminar, tanto quanto possível, a influência do vento e evitar a formação de poeiras.	A implementar	Silos fechados				jan/20
5.3.1 B.	No caso de armazenamento aberto, proceder a inspeções visuais de forma regular ou contínua para avaliar a ocorrência de emissões de poeiras e verificar se as medidas preventivas se encontram em bom funcionamento	Não aplicável	Não existem				
5.3.1 C.	No caso de armazenamento aberto a longo prazo, implementar uma das seguintes técnicas ou uma combinação adequada das mesmas:	Não aplicável	Não existem				
C. i)	humedecer a superfície utilizando substâncias com propriedades duradouras de aglutinação de poeiras						
C. ii)	cobertura da superfície (eg. lonas, encerados);						
C. iii)	solidificação da superfície;						
C. iv)	aplicação de relva sobre a superfície.						
5.3.1. D	Para armazenamento aberto a curto prazo, implementar uma das seguintes técnicas ou uma combinação adequada das mesmas:	Não aplicável	Não existem				
D. i)	humedecer a superfície utilizando substâncias com propriedades duradouras aglutinantes de poeiras						
D. ii)	humedecer a superfície com água;						
D. iii)	cobertura da superfície (eg. lonas, encerados).						
5.3.1. E	Medidas adicionais para reduzir as emissões de poeira do armazenamento aberto, de longo e curto prazo, incluem:	Não aplicável	Não existem				
E. i)	colocar o eixo longitudinal da pilha de material sólido paralelo ao vento predominante;						
E. ii)	aplicar plantações de proteção, cercas corta-vento ou posicionar a pilha/monte contra o vento para reduzir a velocidade do vento;						
E. iii)	na medida do possível, aplicar apenas uma pilha de material sólido em vez de várias						
E. iv)	proceder ao armazenamento com muros de contenção de forma a reduzir a superfície livre e minimizar as emissões difusas de poeiras. Esta redução é maximizada se o muro for colocado a montante da pilha de material sólido						
E. v)	instalar as paredes de contenção próximas entre si						
5.3.2. Armazenamento Fechado							
5.3.2 A.	Aplicar armazenamento fechado usando, eg. silos, bunkers, funis de enchimento e contentores. Nas situações em que o armazenamento em silos não é apropriado, o recurso a um armazém/barracão pode ser uma alternativa. Este será o caso em que eg. para além do próprio armazenamento haja necessidade de proceder à mistura do material sólido	Sim	Armazém				
5.3.2 B.	No caso dos silos, adotar um design adequado para garantir estabilidade e evitar o seu desmoronamento	A implementar	Aquisição de equipamentos selectivos				jan/22
5.3.2 C.	No caso de armazéns/barracões, aplicar ventilação adequada, sistemas de filtragem e manter as portas fechadas.	Sim					
5.3.2 D.	Aplicar sistemas de redução de poeiras e garantir níveis de emissão previstos no BREF, dependendo da natureza/tipo de substância armazenada. O tipo de técnica de redução deve ser determinado com base numa análise caso a caso.	A implementar	Aquisição de equipamentos selectivos				jan/22
5.3.2 E.	No caso dos silos que contenham sólidos orgânicos, os mesmos devem ser resistentes à explosão e equipados com uma válvula de fecho rápido para evitar que a entrada de oxigénio no silo	A implementar	Aquisição de equipamentos selectivos				jan/22

TUA

ANEXO – MELHORES TÉCNICAS DISPONÍVEIS

BREF - Emissões resultantes do armazenamento (EFS) | Data de adoção: 07/2006 | Versão: 06.10.2017

n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD	Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação ou Motivo da não aplicabilidade ou Descrição da técnica alternativa implementada	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano)
5.3.3. Armazenamento de sólidos perigosos embalados							
5.3.3 A.	Detalhes de MTD relativas ao armazenamento de sólidos perigosos embalados na Secção 5.1.2. do BREF	Não aplicável	Não existem				
5.3.4. Prevenção de incidentes e acidentes (graves)							
Gestão da segurança e do risco							
5.3.4 A.	Para prevenir incidentes e acidentes, aplicar um sistema de gestão de segurança de acordo com o descrito no BREF.	Não aplicável	Não existem				
5.4. TRANSFERÊNCIA E MANUSEAMENTO DE MATERIAIS SÓLIDOS							
5.4.1. Abordagens genéricas para minimização de poeiras com origem nos processos de transferência e manuseamento							
5.4.1 A.	Evitar a dispersão de poeiras devido a atividades de carga e descarga ao ar livre, agendando a transferência, tanto quanto possível, para períodos em que a velocidade do vento é baixa.	Sim	Implementado				
5.4.1 B.	Garantir distâncias de transporte o mais curtas possível e recorrer, sempre que possível, a medidas de transporte em contínuo.	Não	Implementado				
5.4.1 C.	Ao utilizar uma pá mecânica, reduzir a altura de queda e selecionar a melhor posição durante a descarga para um camião	Não aplicável	Não existem				
5.4.1 D.	Ajustar a velocidade dos veículos que circulam na instalação pde forma a evitar ou minimizar a formação de poeiras	Sim	Implementado				
5.4.1 E.	No caso de vias utilizadas somente por camiões e carros, implementar superfícies duras nas estradas, eg. betão ou asfalto, de forma a que possam ser facilmente limpas e evitar a formação de poeiras pelos veículos.	Não aplicável	Não existem				
5.4.1 F.	Proceder à limpeza das estradas dotadas de superfícies duras.	Não aplicável	Não existem				
5.4.1 G.	Manter limpos os pneus dos veículos. A frequência de limpeza e tipo de unidade de limpeza a adotar deve ser decidida caso a caso.	Sim	Desinfwção				
5.4.1 H.	Para cargas/descargas mais suscetíveis ao vento, e no caso de produtos molháveis, humedecer o produto.	Não aplicável	Não existem				
5.4.1 I.	Para atividades de carga/descarga, minimizar a velocidade de descida e a altura de queda livre do produto. A redução da velocidade de descida pode ser conseguida através das seguintes técnicas:	Sim	Implementado				
I. i)	instalar defletores dentro dos tubos de enchimento						
I. ii)	aplicar uma cabeça de carga na extremidade da tubagem ou tubo para regular a velocidade de saída						
I. iii)	aplicar uma cascata (por exemplo, tubo em cascata ou funil de carga/descarga)						
I. iv)	aplicar um ângulo de inclinação mínimo através de eg. calhas						
5.4.1 J.	Para minimizar a altura de queda livre do produto, a saída do sistema de descarga deve ser orientado para o fundo do espaço de carga ou para o topo do material já empilhado. Técnicas de carga para o efeito incluem:	Não aplicável	Não existem				
J. i)	tubagens de enchimento de altura ajustável						
J. ii)	tubos de enchimento de altura ajustável, e						
J. iii)	tubos em cascata de altura ajustável.						
5.4.2. Considerações sobre técnicas de transferência							
Garra mecânica							
5.4.2 A.	Para aplicar uma garra mecânica, deve ser seguido o diagrama de decisão previsto no BREF e manter a garra sobre o funil durante um período de tempo suficiente após a descarga do material.	Não aplicável	Não existem				
5.4.2 B.	No caso de garras mecânicas novas, selecionar equipamentos com as seguintes propriedades:	Não aplicável	Não existem				
B. i)	forma geométrica e capacidade de carga ótima;						
B. ii)	o volume da garra deve ser sempre maior do que o volume que é dado pela curvatura da garra						
B. iii)	a superfície deve ser lisa para evitar a aderência do material, e						
B. iv)	a garra deve ter boa capacidade de contenção durante toda a operação						
Transportadores e calhas de transferência							
5.4.2 C.	Para todos os tipos de substâncias, projetar o transportador para as calhas de transferência de forma a que o derrame seja reduzido ao mínimo (vide mais detalhes no BREF).	Não aplicável	Não existem				
5.4.2 D.	Para os produtos não ou ligeiramente sensíveis à deriva (S5) e moderadamente sensíveis à deriva e molháveis (S4), aplicar uma correia transportadora aberta e adicionalmente, dependendo das circunstâncias locais, aplicar uma das seguintes técnicas ou uma combinação adequada das mesmas:	Não aplicável	Não existem				
D. i)	proteção lateral contra o vento;						
D. ii)	pulverização de água e pulverização a jato nos pontos de transferência e/ou;						
D. iii)	limpeza da correia/tapete.						
5.4.2 E.	Para produtos altamente sensíveis à deriva (S1 e S2) e moderadamente sensíveis à deriva, não molháveis (S3), considerar para situações novas:	Não aplicável	Não existem				
E. i)	Aplicação de transportadores fechados, ou sistemas onde a própria correia ou uma segunda correia bloqueia o material, tais como:						
E. i) a)	Transportadores pneumáticos;						
E. i) b)	Transportadores de corrente;						
E. i) c)	Transportadores de parafuso						
E. i) d)	Transportador de correia de tubo;						
E. i) e)	Transportador de correia de laço;						
E. i) f)	Transportador de dupla correia.						
E. ii)	Ou aplicar correias transportadoras fechadas, sem polias de suporte, tais como:						
E. ii) a)	Transportador aerobelt						
E. ii) b)	Transportador de baixa fricção						
E. ii) c)	Transportador com diabolos.						
5.4.2 F.	O tipo de transportador depende da substância a ser transportada e do local, deve ser decidido com base numa análise caso a caso.	Não aplicável	Não existem				
5.4.2 G.	Para os transportadores convencionais existentes, o transporte de produtos altamente sensíveis à deriva (S1 e S2) e produtos moderadamente sensíveis à deriva, não molháveis (S3), aplicar um sistema de encapsulamento.	Não aplicável	Não existem				
5.4.2 H.	Ao aplicar um sistema de extração, filtrar o fluxo de ar de saída	Não aplicável	Não existem				
5.4.2 I.	Para reduzir o consumo de energia para correias transportadoras, aplicar:	Não aplicável	Não existem				
I. i)	uma boa conceção do transportador, incluindo folgas e espaço entre folgas;						
I. ii)	uma tolerância de instalação precisa; e						

							
ANEXO – MELHORES TÉCNICAS DISPONÍVEIS							
BREF - Emissões resultantes do armazenamento (EFS) Data de adoção: 07/2006 Versão: 06.10.2017							
n.º atribuído de acordo com o BREF ou documento Conclusões MTD	Descrição de acordo com o BREF ou Conclusões MTD	MTD implementada?	Descrição do modo de implementação ou Motivo da não aplicabilidade ou Descrição da técnica alternativa implementada	VEA/VCA	Condições	Proposta de valor a atingir dentro da gama de VEA/VCA	Calendarização da implementação (mês.ano)
I. iii)	uma correia com baixa resistência ao rolamento.						

Anexo XI

Relatório Base

Necessidade de Elaboração do Relatório Base

Pedro Manuel da Silva Nunes

Introdução

O relatório base refere-se à proteção de solos e águas subterrâneas tendo em conta todas as fases e actividade desenvolvidas na exploração avícola pertencente a Pedro Manuel da Silva Nunes, sita em Cabeço de Ferreiros - Cartaxo.

A actividade da instalação PCIP, envolve a utilização, de alguns produtos químicos tais como:

Produto	Utilização
Peróxido de Hidrogénio	Desinfecção da água captada
Gasóleo	Gerador de Emergência

Não existe, no entanto, produção ou libertação de substâncias perigosas relevantes, tendo em conta a possibilidade de poluição do solo e das águas subterrâneas no local da exploração em causa.

Todas as substâncias listadas, e que têm alguma perigosidade, existentes na instalação são armazenadas em local próprio e em recipiente adequado. O armazenamento é em local impermeabilizado, vedado e de acesso restrito.

Estas substâncias permanecem no local de armazenamento até ao momento de serem utilizadas sendo sempre manuseadas com precaução. Os trabalhadores possuem formação e indicações na forma de manusear os produtos.

A probabilidade de existirem derrames é baixa uma vez que existem todas as condições de armazenamento e manuseamento para que tal não suceda.

Contudo, e na eventualidade de acontecer um derrame accidental durante o seu manuseamento optou-se por fazê-lo sempre sob local impermeabilizado, desta

forma protegem-se solo e águas de possíveis contaminações. Até ao momento não aconteceram situações deste tipo.

Capacidade de Armazenamento

Apresenta-se no quadro seguinte, as capacidades médias de armazenamento dos produtos químicos referenciados anteriormente:

Produto	Capacidade de Armazenamento
Peróxido de Hidrogénio	3 Jerricans (25 Litros cada um)
Gasóleo	200 L

Condições de Armazenamento

Para os produtos químicos supra citados, refere-se no seguinte quadro as condições de armazenamento dos mesmos.

Produto	Condições de Armazenamento
Peróxido de Hidrogénio	Jericans
Gasóleo	Depósito do Gerador

Local de Armazenamento:

O jerricam de Peroxido de Hidrogénio, fica localizado num espaço onde se armazenam igualmente produtos de uso veterinário/medicamentos.

O local de armazenamento encontra-se vedado, confinado, coberto e impermeabilizado.

Será de referir que normalmente só se armazena 1 jerricam, ou seja compra-se à medida das necessidades, não havendo deste modo armazenamento de grande quantidades de desinfetante.

Forma de Transporte dentro da Instalação

Para os produtos supra citados, refere-se no seguinte quadro a forma de transporte dentro da instalação.

Produto	Forma de Transporte dentro da Instalação
Peróxido de Hidrogénio	Jerricam (quando chega à instalação o mesmo é colocado no local de armazenamento. Para o local de utilização é transportado o referido jerricam, é utilizada a quantidade necessária e se for caso disso o restante retoma ao local de armazenamento)
Gasóleo	Apenas se adquire a quantidade necessária para completar o volume do depósito do gerador. Não existe armazenamento de gasóleo na exploração.

Medidas de Contenção para prevenir, evitar ou controlar a contaminação do solo e/ou águas

Medidas
As substâncias são armazenadas em local próprio e em recipiente adequado
O armazenamento é em local impermeabilizado, vedado e de acesso restrito
As substâncias permanecem no local de armazenamento até ao momento de serem utilizadas sendo sempre manuseadas com precaução
Promover a formação e sensibilização dos trabalhadores para redução dos resíduos e para a reciclagem dos resíduos e manuseamento das substâncias
O manuseamento das substâncias é feito em local impermeabilizado
A exploração já contempla a implementação de um sistema de recolha de resíduos sólidos que assegura a sua recolha e transporte.
Fiscalizar e remover atempadamente os resíduos, por forma a evitar locais de deposição não autorizados e fontes de potencial contaminação dos solos.

Necessidade de apresentação do relatório de base

Tendo em conta o que foi mencionado anteriormente, as quantidades armazenadas, o tipo de armazenamento e o tipo de substâncias envolvidas, não nos parece que haja necessidade de se efetuar um relatório mais pormenorizado.